



**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**  
**ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**Mestrado em Relações Internacionais e Estudos Europeus**

**Dissertação**

**Humanismo e Direitos Humanos no Pensamento de Edward W. Said**

Júlia Massoxi da Costa Talaia

**Orientador:**

Silvério Carlos Matos da Rocha e Cunha

**Évora, Maio de 2011**

**Mestrado em Relações Internacionais e Estudos Europeus**

**Dissertação**

**Humanismo e Direitos Humanos no Pensamento de Edward W. Said**

Júlia Massoxi da Costa Talaia

**Orientador:**

Silvério Carlos Matos da Rocha e Cunha

“ O Entendimento do Homem, quando é correctamente instruído com respeito ao que deve ser feito ou omitido, e assim o modo como ele é capaz de apresentar Motivos certos e seguros para as suas opiniões, costuma ser chamado de CONSCIÊNCIA CORRECTAMENTE INFORMADA (...)”. (Pufendorf, 2007)

## **Agradecimentos**

Pelo que sou e por todas as realizações em minha vida, agradeço Àquele que me ama sem limites, orienta e dá razão à minha vida: DEUS.

À minha inestimável mãe, pelos sacrifícios que fez ( e tem feito) para que me tornasse na pessoa que sou e por tudo quanto tenho alcançado na minha vida pessoal e profissional; aos meus queridos irmãos, pelo apoio incondicional e encorajamento aos meus projectos de vida; aos meus adorados sobrinhos e primos...

Ao Samuel Filipe Gonçalves pelo fiel companheiro que tem sido ao longo da nossa caminhada juntos e também pelo incentivo para a elaboração desta dissertação.

Ao meu orientador Silvério Carlos Matos da Rocha e Cunha, pelo incentivo no tema em questão e pela confiança que depositou em mim.

Aos meus amigos ( e inimigos...).

Muito Obrigada

## **Resumo**

Em Humanismo e Direitos Humanos no Pensamento de Edward W. Said serão analisados e interpretados os preceitos com os quais Said emite os seus pontos de vista em relação ao conflito israelo-palestiniano, bem como a defesa dos direitos do povo palestino. Todos os conflitos actuais que violam e desrespeitam os direitos humanos, poderiam ser solucionados se a busca pela verdade fosse um ideal e aposta de todos os seres humanos, representados por um Estado que vela pelos interesses sociais, económicos, políticos e culturais do seu povo.

As obras de Edward W. Said serão a base para a elaboração desta dissertação, acompanhadas, evidentemente, de pesquisas documentais adicionais realizadas em torno de temas e/ou autores cujas abordagens científicas se vêem relacionadas com o tema em estudo.

Constatar-se-á, a importância de se apreender no humanismo e intelectualismo para melhor se compreender a essência da história da humanidade, a partir da literatura, pois, para ele, a cultura de um povo tem inevitavelmente influência e/ou características das culturas de outros povos.

**Palavras-chave:** Edward W. Said, Humanismo, Direitos Humanos e Intelectualismo.

## **The Humanism and the Human Rights on Edward W. Said Thoughts**

### **Abstract**

In Humanism and the Human Rights on Edward W. Said Thoughts will be done an analytic study about the Edward W. Said thought. It will demonstrate all his precepts about the israelo-palestinian conflicts, the defense of Palestinians people rights as well. For Said, every conflict that violates and disrespects the human rights could be solved if the search by the true was an ideal of all human being.

The Works of Edward W. Said will be the base for making this dissertation, supported on additional documentation explored about themes and authors which scientific studies are related with the theme in study.

The importance of learning the humanism and intellectualism is found for understanding the essence of humanity history, from literature, because for Said the culture from a people has influence and features from culture of others peoples.

**Keywords:** Edward W. Said, Humanism and Human Rights and intellectualism.

## Índice

Agradecimentos .....	i
Resumo.....	ii
Abstract .....	iii
<b>Capítulo I – Introdução .....</b>	<b>5</b>
<b>Capítulo II – As Bases para as Abordagens de Edward W. Said.....</b>	<b>8</b>
2.1. Sobre a Origem dos Ideais de Edward W. Said.....	8
2.1.1. Géneses do Conflito Israelo-palestiniano. ....	9
2.1.2. O Conflito Israelo - palestiniانو Pós - Said.....	13
2.1.3. Ecos da Comunidade Internacional Face ao Conflito.....	18
2.1.4. Breve Resumo Cronológico dos Principais Acontecimentos.....	22
2.2. O Humanismo e as Sua Bases Filosóficas.....	25
2.3. A Essência dos Direitos Humanos.....	29
<b>Capítulo III – Análise e Interpretação do Pensamento de Edward W. Said .....</b>	<b>35</b>
3.1. O Humanismo Aliado aos Ideais de Edward W. Said.....	35
3.2. Edward Said e os Direitos Humanos.....	39
3.3. A Importância dos Intelectuais na Busca e Difusão da Verdade.....	43
<b>Capítulo IV – À Semelhança de Edward W. Said.....</b>	<b>51</b>
4.1. Pepetela.....	51
4.1.1. Os Predadores.....	53
4.1.1.1. Resumo da Obra.....	53
4.1.1.2. Análise da Obra.....	58
4.2. Mia Couto.....	60
4.3. Semelhança Entre O pensamento de Said , de Pepetela e de Mia Couto.....	62
4.4. Repercussão do Pensamento de Edward W. Said no Meio Intelectual e Académico.....	63
<b>Capítulo V – Conclusões.....</b>	<b>67</b>
5.1. Principais conclusões do trabalho .....	67
5.2. Limitações do estudo .....	68
5.3. Investigação futura .....	68
<b>Bibliografia.....</b>	<b>69</b>

## Capítulo I – Introdução

Edward W. Said é uma figura cuja natureza crítica de ver e indagar a realidade política, social e cultural está associada às origens do conflito israelo-palestiniano. Neste contexto, procurar-se-á, na presente dissertação, expor os caminhos percorridos por Said que o fizeram empenhar-se numa luta pela verdade e pela causa palestina.

O conflito israelo-palestiniano tem sido o enfoque principal de Said para a produção de parte dos seus argumentos, textos, conferências, livros entre outros, face às consequências do conflito.

Depois que se demitiu do Conselho Nacional Palestino, em 1991, aprofundou em si um espírito crítico, como activista político, sobre as medidas e não medidas tomadas por aqueles que podem, de uma forma amigável, resolver os problemas que afligem a Palestina. Muitas das questões levantadas por Said, nas suas perscrutações, referem-se a aspectos que podem servir, de alguma maneira, para a resolução do conflito israelo-palestiniano, bem como os conflitos que têm assolado o mundo inteiro. Claro que, numa primeira óptica, seria a aplicabilidade absoluta dos direitos humanos, porém, devido à distorção da história que favorece alguns povos em relação a outros (como é o caso do Ocidente em relação ao Oriente, onde os ocidentais se acham superiores em todos os aspectos e os orientais como um povo atrasado) essa aplicabilidade vai se tornando cada vez mais distante de ser uma realidade. Um outro assunto abordado por Said é a questão da valorização do Humanismo. Para ele, o humanismo é uma das fontes do conhecimento, onde muitas concepções erradas da história poderiam voltar a ser estudadas e esclarecidas de modo a não desvalorizar ninguém pela sua história, cultura, convicções e religião. Por isso, “*O Humanismo e os Direitos Humanos no Pensamento de Edward W. Said*” propõe uma análise tendo como fundamento o ser humano e tudo que lhe cabe por direito, alicerçando-se, principalmente, nas teorias filosóficas de Said.

Por outro lado, o papel dos intelectuais também se tornou uma preocupação para Said, na medida em que, para ele, estes são uma camada da sociedade capaz de analisar e refutar todos os discursos que tendem a desqualificar qualquer verdade sobre determinada questão. Isto significa que o intelectual deve se apegar às bases filosóficas

do humanismo para ser capaz de esclarecer a verdade com base nos factos, analisando-os e interpretando-os cientificamente e não se deixar convencer pelo que ouve ou ouviu dizer, ou até mesmo consumir-se pelas emoções. Said clamava pelo envolvimento activo de todos os intelectuais em cada nação, cada país, a fim de questionarem e discutirem os acontecimentos políticos, sociais e culturais de forma racional e não empírica, o que, para ele, pressupõe a busca, a análise crítica e o confronto dos conhecimentos, para melhor se puder entender os fenómenos que vêm assolando o mundo inteiro.

À semelhança de Said, também existem figuras que se preocupam em olhar o mundo de forma crítica e o outro como igual, como irmão, e que contribuem para que haja uma mudança de mentalidades, a fim de proporcionar um mundo baseado na verdade, sem discriminações e abuso de poder. Os discursos de Said e dessas figuras podem ser tomados como exemplos de compromisso com o próximo, pelos mais jovens e pelos actuais líderes mundiais.

Na primeira parte, que tem como título “*As Bases para as Abordagens de Edward W. Said*”, contribuirá para se compreender os motivos que levaram Said a enveredar pelo interesse em defender acerrimamente a valorização dos direitos humanos; far-se-á, também, uma exploração em torno do humanismo. Visto que existem diferentes tipos de humanismo convém delinear o tipo a que Said mais se inclinou; por último, uma resenha sobre a essência dos direitos humanos.

“*A Análise e Interpretação do Pensamento de Edward W. Said*” situa-se na segunda parte da dissertação. Aqui, a estrutura que dará maior realce à dissertação, vai englobar o pensamento altruísta de um homem que se revê na pele dos desfavorecidos, ecoando a voz por uma justiça social para todos, independentemente das diferenças sociais, políticas, económicas, culturais e religiosas, tal como ele declara “temos de olhar para o resto do mundo e tratar com ele de igual para igual”. Outro aspecto a ser mencionado neste capítulo será a sua determinação em ressaltar o contributo dos intelectuais na disseminação da verdade, contrapondo os discursos muitas vezes distorcidos sobre as várias realidades, recorrendo ao conhecimento científico e filosófico.

Na terceira parte, que terá como título “*À Semelhança de Edward W. Said*”, far-se-á uma análise comparativa entre Said e duas figuras intelectuais, de origem africana,

que se notabilizam também pela denúncia, a partir da literatura, de sistemas que inviabilizam o pleno respeito da defesa dos valores e direitos dos seres humanos.

Embora sejam homens de ambientes sociais e políticos diferentes, os seus pensamentos e ideais convergem para uma direcção única: a emancipação social, política e intelectual do homem. Esta parte comportará também o interesse de vários intelectuais pelos trabalhos de Said e as suas análises em torno dos seus argumentos, pois são inúmeras as individualidades em busca e defesa da liberdade e da justiça social tal como Edward W. Said.

## Capítulo II – As Bases para as Abordagens de Edward W. Said

### 2.1. Sobre a Origem dos Ideais de Edward W. Said

Palestiniano de nascença, Said viveu os primeiros conflitos que se deram na Palestina, entre palestinos e judeus, em 1948. Por conseguinte, foi obrigado a abandonar a Palestina, com os seus pais, e exilar-se no Egipto e, posteriormente, nos Estados Unidos da América, onde permaneceu até a altura da sua morte, em Setembro de 2003. O exílio ficou impregnado para sempre em sua memória, como se pode constatar num dos seus discursos:

“O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fractura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e o seu verdadeiro lar: a sua tristeza essencial jamais pode ser superada. (...). As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixada para trás para sempre”.<sup>1</sup>

Adquiriu a nacionalidade americana e fez os seus estudos superiores na Universidade de Princeton. Formou-se em Literatura Comparada e leccionou também a mesma cadeira na Universidade de Columbia, em Nova York. Durante uma década, Said fez parte do Conselho Nacional Palestino até 1991, “ (...) onde suscitou a fúria dos nacionalistas árabes ao defender a ideia da coexistência entre israelitas judeus e árabes palestinos e por admitir que não existe uma opção militar para o problema.”<sup>2</sup> Proferiu inúmeras palestras, conferências e entrevistas sobre temas relacionados com a sua área de formação e, principalmente, sobre a questão palestiniana, onde imprimia o seu pensamento diante do conflito israelo-palestiniano e suas consequências: exílio, fome, miséria, mortes, humilhação. Em função dessas consequências, Said desenvolveu em si um espírito crítico e o dever de lutar por uma Palestina respeitada e livre desses males, através da palavra, ou seja, serviu-se da sua formação e dos conhecimentos que detinha, para dar oportunidade de expressar as suas convicções e soluções em torno de um problema que se arrasta por mais de duas décadas. Pode-se constatar que as suas reflexões, quanto às questões do humanismo e dos direitos humanos, terão surgido,

---

<sup>1</sup> SAID: 2003, p.46

<sup>2</sup> SAID: 2003. P.10

essencialmente, devido ao embate entre palestinos e israelitas. As suas reflexões ainda não estão difundidas por todo o mundo, embora haja já muitos intelectuais a explorá-las positivamente. Ele mesmo afirmou que “não há muita gente que saiba grande coisa sobre as minhas reflexões”.<sup>3</sup>

De ressaltar que as palestras, conferências e entrevistas foram publicadas e têm sido um bom legado para difundir o seu pensamento crítico.

Contudo, não deixa de expressar com alguma dor nostálgica a privação de poder conviver com os parentes deixados a mercê das agressões israelitas

“E lá estava eu, um palestino, anglicano, menino americano que falava inglês, árabe e francês na escola, árabe e inglês em casa, vivendo na intimidade quase sufocante e profundamente marcante de uma família cujos parentes estavam todos na Palestina ou no Líbano, sujeito à disciplina de um sistema escolar colonial e a uma mitologia importada que não deviam nada àquele mundo árabe cujas elites coloniais floresceram pelo menos durante um século.”<sup>4</sup>

### **2.1.1. Géneses Do Conflito Israelo-palestiniano**

Actualmente, o conflito israelo-palestiniano ainda tem chamado a atenção de toda a comunidade internacional, visto ser um conflito que perdura há mais de cinquenta anos, fruto da ocupação ilegal e forçada de parte da Palestina pelos israelitas, vista, por estes últimos, como a terra prometida, onde pretendem formar um Estado de Direito israelita.

“O Conflito entre Israel e Palestina se dá desde muitos anos atrás, mais precisamente no século XIX, quando os judeus, conhecidos na época por não ter um Estado próprio, começaram a migrar para regiões que já eram habitadas, como é o caso da Palestina, que era habitado por árabes. Tudo isso era regado pelo sionismo cujo objectivo era refundar na Palestina um estado judeu. A ideia de que o local estava vazio, à espera de colonos judeus, deixava os árabes palestinos furiosos”.<sup>5</sup>

Segundo Manhattan Gandhi, “A Palestina pertence aos palestinos, da mesma forma que a Inglaterra pertence aos ingleses e a França aos franceses”<sup>6</sup>. Decerto afirma

---

<sup>3</sup> SAID: 2001, P.22.

<sup>4</sup> SAID: 2004, p. 102

<sup>5</sup> In Acordos de Paz Entre Palestinos e Israelenses

<sup>6</sup> Manifesto de Gandhi sobre os judeus na Palestina, in Comissão Justiça e Paz

isso, por conhecer a fundo as verdadeiras razões da ocupação israelita e saber que tem havido uma certa negligência no tratamento da questão Israel-palestina por alguns actores da comunidade internacional, pois, apesar das intempestivas atitudes desumanas dos israelitas, nunca se pronunciam contra Israel, pois há interesses que favorecem a posição de Israel como “os preferidos”. Confirma-se no que o próprio Said esclarece:

“Israel é o único Estado do mundo a receber auxílio económico e militar dos Estados Unidos em quantias que perfazem hoje um total de cerca de 135mil milhões de dólares actuais. Todas as figuras políticas americanas de algum relevo, concorram a um lugar de representantes de um pequeno distrito no Norte do Estado de Nova Iorque ou entendam candidatar-se à presidência, têm de se declarar apoiantes incondicionais de Israel. As declarações no congresso, sejam do senado ou da Assembleia de Representantes, resultam automaticamente em maiorias esmagadoras a favor das políticas israelitas, devido ao poder do *lobby* israelita e devido ao facto de haver uma comunidade de apoiantes de Israel com grande experiência nas lides políticas e com um posicionamento estratégico muito bem conseguido.”<sup>7</sup>

Por sua vez, Said reafirma que “o povo palestiniano tem se oposto aos assentamentos ilegais, ao exército de ocupação israelita, aos esforços políticos para pôr um ponto final em sua aspiração legítima de ter um Estado. A sociedade palestina vai subsistir, apesar de todos os esforços que têm sido feitos para sufocá-la”.<sup>8</sup> Diante desses dois argumentos, não restam dúvidas de que os israelitas, ou seja, os judeus, não fruem fundamentos válidos para espoliar a Palestina dos seus verdadeiros donos.

De acordo com dados históricos, o percurso de ocupação da Palestina remonta entre os finais do II milénio a. C. e meados do século XIX. Desde cedo, foi palco da invasão de vários povos. Dessas invasões, os filisteus conseguiram constituir vários estados dentro da Palestina, dentre eles, Gaza, Asdod, Ascalão, Gat e Ekron. Paralelamente, a esses reinos, foram também formados, no norte da Palestina, os reinos de Israel e de Judá que, por um lado, mantinham relações harmoniosas com os reinos filisteus, por outro lado, guerreavam entre si. Contudo, a Palestina ainda sofria invasões de outros povos. Dessas invasões, Israel foi dominado e anexado pela Assíria. Convém ressaltar que, num primeiro momento Israel era um reino criado dentro da Palestina.

---

<sup>7</sup> SAID: 2004, p. 41

<sup>8</sup> Entrevista de Said in Comissão Justiça e Paz

E assim, dentre ataques, invasões e expropriações de terras foi-se desenrolando a história da Palestina. Esta deixou de pertencer a Assíria, passando a fazer parte da Babilónia, depois, juntamente com o império babilónio, passou para as mãos dos Persas Aquemênidas. Desse modo, chegou a fazer parte do Império Romano. Depois de ter sido anexada a tantas outras regiões, por consequência de sucessivas invasões, o povo da Palestina dispersou-se, procurando por lugares onde estivessem sem o jugo dos invasores e conquistadores da época:

“Deu origem a peregrinações e a imigrações individuais ou de pequenos grupos que não modificaram o estatuto político da Palestina nem a sua composição étnica, a qual, apesar das numerosas mudanças políticas e religioso-culturais, parece ter permanecido relativamente estável desde fins do II milénio a. C. até fins do II milénio da era cristã.”<sup>9</sup>

Antes da Segunda Guerra Mundial, os judeus eram ferozmente perseguidos, por elementos que se julgavam superiores e que queriam, a qualquer custo, ver-se livres dos deles. Para tal, procuravam alternativas para fazer desaparecer essa raça do seu território, do seu convívio. Adolf Eichmann foi um acérrimo hostilizador dos judeus, cuja tarefa consistia em deportar e exterminar os judeus:

“Em 1937, Eichmann mantém contacto com a Agência Judaica tendo em vista facilitar a emigração de judeus para a Palestina. Ele mesmo realiza uma viagem ao Oriente Médio e ao Egipto. Em grande parte devido a sua iniciativa, 17 mil judeus emigram para a Palestina em 1939, às vésperas da Segunda Guerra Mundial. Ao mesmo tempo, em Viena, e depois em Praga, organiza a expulsão de várias dezenas de milhares de judeus valendo-se de pressões brutais. Sua eficácia faz dele um especialista em emigração coercitiva.

Em Junho de 1940, após a invasão da França, Eichmann se ocupa do Plano Madagáscar, que visava deportar todos os judeus alemães para a colónia francesa e, ali, os deixar definhar.”<sup>10</sup>

Anos mais tarde, depois da Segunda Guerra Mundial, os judeus, perseguidos pelos alemães e, para salvaguardar o seu bem-estar, começaram a procurar por um lugar onde pudessem permanecer longe das perseguições e fundar, posteriormente, um estado judeu.

“No contexto do triunfo das ideologias nacionalistas e da ideia do estado nacional, surgiu entre os judeus laicos da Europa central e oriental um movimento nacionalista secular cujo objectivo era a criação de um estado dos judeus. (...) O

---

<sup>9</sup> In Comissão Justiça e Paz

<sup>10</sup> Altman, in operamundi

nacionalismo judaico tomou assim o nome de sionismo, palavra que deriva de Sião, um dos nomes de Jerusalém na Bíblia. Repare-se também que a escolha da Palestina se enquadrava nos projectos coloniais das potências europeias, sobretudo da Grã-Bretanha e da França, que preparavam a partilha dos despojos do império otomano decadente. Foi sem dúvida por isso que o projecto sionista vingou. Contrariamente à reunião de "Israel" da utopia religiosa, o estado projectado pelos nacionalistas judeus não tinha necessariamente a Palestina por cenário.”<sup>11</sup>

Constata-se que os israelitas tiveram o vento a seu favor para se instalarem na Palestina. A propósito da questão da colonização, segundo Said (a própria história confirma) a Grã-Bretanha e a Alemanha foram os protagonistas que impulsionaram a afixação dos judeus e, de certo modo, os culpados do percurso da desgraça dos palestinos:

“ (...) a Alemanha e a Grã-Bretanha, países que foram arquitectos da tragédia palestiniana, devem ter a coragem de assumir as suas responsabilidades. Quando os alemães perpetraram o Holocausto e quando os britânicos entregaram a Palestina aos sionistas, deram origem a uma tragédia para os palestinianos.”<sup>12</sup>

Nesta conformidade, é lícita a relutância dos palestinianos em não ceder um território que lhes pertence e lhes quer ser tirado a qualquer custo:

“Ambos os povos reivindicaram suas terras no território palestino. Os israelenses, representados pelo Estado de Israel, têm soberania sobre grande parte do território, que foi conquistado após a derrota dos árabes em duas guerras –o conflito árabe-israelense de 1948 e a Guerra dos Seis Dias, de 1967. Os palestinianos, representados pela Autoridade Nacional Palestina (ANP), querem assumir o controle de parte dos territórios e estabelecer um Estado Palestino soberano e independente.”<sup>13</sup>

Com essa atitude dos palestinianos, os israelitas não poupam energia para desencadear atitudes desumanas, violando, deste modo, os direitos civis, sociais e políticos que cabem a cada um dos palestinianos como seres humanos:

“ (...) Os judeus que eram geralmente servos nos países da “Diáspora” (ou seja, todos aqueles onde haviam residido na qualidade de povo errante), acharam-se subitamente em liberdade na Palestina, resultando neles tal mudança numa inclinação para o despotismo. Tratam os árabes de forma hostil, privam-nos dos

---

<sup>11</sup> In Comissão Justiça e Paz

<sup>12</sup> SAID: 2004, p.135

<sup>13</sup> In Acordos de Paz Entre Palestinos e Israelenses

seus direitos, ofendem a sua causa, gabando-se mesmo de tais atitudes, sem que ninguém entre eles se oponha a esta lamentável e perigosa conduta.”<sup>14</sup>

É notória a capacidade dos israelitas em desestruturar um povo que defende a ferro e fogo o lugar onde construíram e querem manter a sua história, a sua cultura e a sua legitimidade como nação.

### **2.1.2. O Conflito Israelo-palestiniano Pós – Said**

Como já foi exposto, Said, enquanto vivo, viveu e lutou intelectualmente para a independência da Palestina ou, em último caso, defendia a divisão da Palestina, cabendo uma das partes a Israel e outra à Palestina (mesmo tendo consciência da ocupação ilegal dos mesmos) no desígnio de pôr término a um conflito que arrasta consigo milhares de vítimas, principalmente as mais vulneráveis: mulheres e crianças. *No último bombardeamento massivo de Gaza (2008/2009), a desproporção de forças foi tal que, por cada israelense morto, foram assassinados 100 palestinos. Dois terços das 1.300 vítimas eram civis, a maioria delas crianças.*<sup>15</sup>

Said morreu em Setembro de 2003, mas a sua memória permanece viva, tendo em conta os novos acontecimentos que se desenrolam em torno do conflito entre Israel e a Palestina.

A Comunidade Internacional tem engendrado esforços para que se encontre uma solução pacífica com o objectivo de ver resolvido mais um conflito a nível de todo o mundo. Contudo, não parece ser fácil convencer uma parte e outra, porque nem todos os pontos dos acordos ora estabelecidos têm sido bem digeridos por ambas as partes. Por exemplo, já se fizeram inúmeros acordos, mas até agora não se vê uma solução peremptória que dê um desfecho feliz ao conflito e que deixe satisfeito ambas facções, por não terem sido cumpridos. O processo de paz começou em 1993, quando assinado um acordo entre a OLP e o governo israelita. Contudo, esses com esse acordo não se obtiveram grandes resultados para o fim do conflito, pois o acordo consistia na concessão de algum território e autoridade na Margem ocidental e na Faixa de Gaza. Entretanto, os abusos e as limitações aos palestinianos continuavam, conforme a voz de

---

<sup>14</sup> Citação feita no livro “Bitter Harvest”, de Sami Hadawi de palavras proferidas pelo escritor sionista Ahad Háam, in [palestinusurpada.blogspot.com](http://palestinusurpada.blogspot.com)

<sup>15</sup> Fontes: in Portal Vermelho

Said, “Os colonatos continuam. Jerusalém continua sob a soberania israelita, ocupada por israelitas. As fronteiras e a água são controladas por Israel. As saídas e entradas são controladas por Israel. A segurança é controlada por Israel.”<sup>16</sup>

Israel tem-se assumido irreversível no que toca às questões de violação dos direitos humanos. Quase todos os dias, são notórios os imensos atropelos à essência dos direitos humanos como legislação que deve ser seguida por todos os estados, independentemente da sua hegemonia. O povo palestino sofre diariamente afrontas provenientes do povo israelita, mais propriamente, dos soldados israelitas que assumem a dianteira para desestabilizar psicológica e socialmente quem merece ser bem tratado tal como todos os seres humanos.

Fora do âmbito das intervenções de Said, sobre as constantes violações dos Direitos Humanos pelos israelitas, ainda, são vividas e presenciadas, mesmo após a morte de Said:

“Um tribunal militar israelense rejeitou neste domingo um recurso apresentado pela prisioneira palestina Hanaa Chalabi, que está em greve de fome há 39 dias, informou o advogado Jawad Bulos. "A corte militar rejeitou a apelação e vamos recorrer à Suprema Corte", declarou o advogado, antes de confirmar que Hanaa Chalabi "prosseguirá com a greve de fome".

A mulher, de 30 anos, apelou contra uma ordem de detenção administrativa - sem indiciamento nem julgamento - de seis meses, reduzida depois a quatro meses.

Hanaa Chalabi, detida em 16 de fevereiro na Cisjordânia e hospitalizada em caráter de urgência esta semana, integrava o grupo de 27 mulheres libertadas durante a troca de 1.027 presos palestinos pelo soldado israelense Gilad Shalit, que passou mais de cinco anos como refém na Faixa de Gaza.

Chalabi havia passado mais de dois anos na prisão sem julgamento. Com a greve de fome, ela deseja protestar contra a permanência na prisão administrativa e contra a violência que diz ter sofrido durante a detenção.”<sup>17</sup>

Continuando com as atitudes desumanas dos israelitas:

“A frágil trégua estabelecida na madrugada desta quarta-feira (14/04) entre Israel e o braço militar da Jihad Islâmica foi novamente desrespeitada nesta quinta-feira com os bombardeios da aviação israelense na Faixa de Gaza. Como resposta aos ataques, os palestinos lançaram foguetes contra o território israelense, mas ambas as acções não deixaram vítimas. Israel segue com o mesmo argumento de que está apenas se defendendo dos foguetes lançados por palestinos. Nesta quinta, a Força

---

<sup>16</sup> SAID: 2004, p. 39

<sup>17</sup> In UOL Notícias

Aérea do país afirmou que o bombardeio aconteceu justamente em uma área onde os artefactos eram disparados e também em um “túnel terrorista” no sul de Gaza. “Os ataques são uma resposta directa aos foguetes disparados contra Israel”, destacou a nota israelense. As acções desrespeitam mais uma vez a trégua que o Egipto tentou estabelecer na madrugada da última quarta. A atitude egípcia, no entanto, ao menos instituiu um período de relativa calma depois que confrontos entre os dois lados causaram a morte de pelo menos 26 pessoas na Faixa de Gaza. É a maior ofensiva israelense na região desde Agosto e a segunda após a Operação Chumbo Grosso, em Dezembro de 2008 e Janeiro de 2009, quando mais de 1.400 palestinos morreram. A escalada de violência foi provocada pelo assassinato do secretário-geral dos Comitês da Resistência Popular, Zuhair al Qaisi, pelos israelenses na última semana. Israel alega que matou Al Qaisi, pois ele planejava um atentado contra o país.”<sup>18</sup>

Como sempre, Israel sai sempre em sua auto-defesa, deixando transparecer que os ataques por eles consumados são respostas aos ataques palestinos. No entanto, de acordo com as fontes apresentadas, os palestinos, simplesmente, respondem para se defenderem e não deixarem que acabem com a sua raça, uma pretensão dos israelitas. Israel dificilmente respeita ou cumpre as resoluções da ONU, provavelmente por ter consciência de que alguns actores da Comunidade Internacional fazem vista grossa (intencionalmente) ao conflito, pois, *apesar da pressão internacional, incluindo a [de fachada, só para fazer de conta] dos EUA, Israel mantém a construção na Cisjordânia e em Jerusalém Oriental, áreas que [invadiu e] ocupa desde 1967. Nas duas áreas, vivem cerca de 500 mil israelenses.*<sup>19</sup>

Said complementa o papel de fachada dos Estados Unidos assegurando que

“(...) toda a política dos Estados Unidos e Israel (..) tem consistido numa tentativa permanente de ir quebrando a identidade palestina, de a fragmentar, de modo a que as pessoas não se sintam parte de uma mesma comunidade que sofre colectivamente, enquanto povo, sob o domínio dos israelitas, atrás dos quais estão, evidentemente, os americanos.”<sup>20</sup>

Vê-se, insistentemente, ao pormenor, a falta de respeito e de obediência aos tratados já veiculados que prevêm uma solução pacífica entre as duas partes. Essa desobediência tem chocado com a carta dos Direitos Humanos, ao provocar desestabilização no seio de muitos lares, num país, destruindo e roubando sonhos a muitas crianças. Ou seja, mantém um povo “encarcerado” dentro do seu próprio território:

---

<sup>18</sup> Fontes: in Portal Vermelho

<sup>19</sup> Níño: in democracia e política

<sup>20</sup> SAID: 2004, p. 54

## **“Uso de armas de fogo**

O exército feriu 4 civis, inclusive uma mulher, na Cisjordânia e em Gaza. Na Cisjordânia, os soldados usaram de força excessiva para dispersar as manifestações não violentas contra o muro e as colônias. O resultado: 3 feridos, dezenas de activistas palestinos, israelenses e estrangeiros vítimas da inalação de gás lacrimogéneo, 5 civis palestinos presos, inclusive uma mulher. Na região central de Gaza, uma mulher foi ferida quando os soldados abriram fogo. Ela apascentava seus animais. Em 6 de Janeiro, 3 grupos de artilharia bombardearam áreas ao norte de Gaza, aterrorizando, em particular, crianças e mulheres.

## **Incursões militares**

Foram feitas 68 incursões nas diversas vilas da Cisjordânia, durante as quais 20 civis foram presos, incluindo uma criança e um professor universitário. Em Gaza, uma incursão foi realizada na região norte e em áreas pertencentes a palestinos que o exército já havia destruído.

## **Ataques a pescadores de Gaza**

O exército israelense prendeu 4 pescadores e confiscou o bote em que eles trabalhavam.

Restrições de movimento

## **Gaza**

As passagens que ligam Gaza ao mundo exterior continuam fechadas, provocando impactos desastrosos na situação humanitária e económica da faixa costeira. Aproximadamente 80% dos civis em Gaza continuam dependendo de ajuda alimentar da Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados Palestinos (UNRWA) e de outras organizações assistenciais. Cerca de 40% da mão-de-obra permanece desempregada, em consequência do bloqueio imposto por Israel, que levou ao fechamento de maioria das actividades económicas de Gaza.

## **Cisjordânia**

Cerca de 1/3 da Cisjordânia, incluindo Jerusalém oriental, é inacessível para os palestinos. Para entrar nesses locais eles precisam de autorizações do exército israelense, cuja obtenção é difícil. Civis continuam a ser ameaçados pelo exército em Jerusalém e na Cisjordânia. São regularmente parados e perseguidos nas ruas pelos soldados. Cerca de 585 “checkpoints” e bloqueios em estradas impedem a livre movimentação de palestinos na Cisjordânia. Ao menos 65% das principais vias de acesso a 18 comunidades palestinas na Cisjordânia foram fechadas ou são controladas pelo exército israelense. 99% do muro da anexação foram construídos em terras confiscadas à Palestina, impedindo o acesso da população a vilas e plantações.

## **Esforço para criar maioria judaica em Jerusalém oriental**

Em 5 de Janeiro, o exército israelense foi à vila de al-‘Eizaruya e demoliu duas oficinas de corte de pedras. Numa delas, de 100 m<sup>2</sup>, foram destruídas pedras no valor de 30 mil shekels e confiscadas outras no valor de 95 mil shekels. Na segunda oficina, de 30 m<sup>2</sup>, os soldados destruíram pedras que valiam 15 mil shekels. No mesmo dia, foi demolida uma loja de venda de pedregulho, de 200 m<sup>2</sup>, além de um estacionamento de 30m<sup>2</sup>. Em 10 de Janeiro, o exército confiscou e devastou centenas de dunums (medida de área) de terras pertencentes a palestinos nas vilas de Al-‘Eissawiya e Al-Tour, sob a alegação de construir ali um jardim bíblico. Com essa construção, Al-‘Essawiya ficará totalmente isolada, cercada por colónias israelenses.

## **Actividades de colonização**

Em 5 de Janeiro, o exército israelense destruiu 3 casas pertencentes a palestinos em Al-Qassab, na vila de Al-Dyouk, em Jericó, alegando que foram construídas sem permissão. No mesmo local, os soldados entregaram avisos de demolição de casas a diversos civis palestinos. Também informaram a breve destruição de várias torres de electricidade e de transmissão de energia eléctrica. Em 11 de Janeiro, um grupo de colonos israelenses pôs fogo a 3 veículos pertencentes a palestinos da vila de Deir Estia, noroeste de Salfit. Também escreveram frases hostis nas paredes da mesquita Imam Ali, perto de mesquitas já queimadas. Um grande número de testemunhas informou ter visto um carro com placas de Israel deixando a vila após o ataque. “

Obviamente, estão estampados, nas citações acima, os mais variados insultos à Declaração dos Direitos Humanos. Insultos esses que se intensificam a cada dia, nos espaços palestinos, sem previsão de término. Israel age sem o menor pudor e parece estar indiferente ao sofrimento de um povo que deveria merecer o mínimo de respeito, independentemente das supostas diferenças que os separaram.

As inovações nas formas de ataque israelita tornam-se cada vez mais abomináveis. As táticas usadas para exterminar os palestinos não deixam de ser surpreendentes do ponto de vista maquiavélico:

Sob a premissa de que "não há inocentes em Gaza", esta zona de alta densidade populacional foi bombardeada como se de um campo de tiro a céu aberto se tratasse. Foram lançados sobre o território mil toneladas de bombas, que destruíram o pouco que ainda restava das infra-estruturas públicas – hospitais, fábricas e escolas – numa zona das mais pobres do mundo e onde se amontoam milhão e meio de pessoas. (...) os comandos israelenses ordenaram o uso de armas químicas, em clara violação das leis internacionais de guerra. Os documentos referem que os pára-quedistas lançaram pelo menos 20 bombas de fósforo branco sobre o campo de refugiados de Biet Lahaiya. O fósforo branco é uma substância altamente inflamável, que reage ao oxigénio e causa graves queimaduras. Ao explodir, as bombas pulverizam o fósforo, que é lançado a

grandes distâncias e se pega à pele, continuando a arder depois de a penetrar. Mais, os médicos noruegueses da ONG Norwac, Mads Gillbert e Erik Fosse, denunciaram o uso de uma nova arma conhecida como Explosivo de Metal Denso. Trata-se de uma pequena munição envolta em carbono, com uma cobertura de ferro, cuja explosão num fluxo de poucos metros "corta um corpo ao meio". Ao experimentar estas armas nunca usadas, nem pelos EUA, os israelenses fizeram dos palestinos cobaias, repetindo uma prática abominável dos tempos de Adolf Hitler.<sup>21</sup>

Vê-se claramente que os israelitas se revêem como sucessores de Adolf Hitler ao adoptarem as atitudes outrora usadas contra eles próprios, quando eram perseguidos pelas forças nazis e submetidos aos mais diversos escalões de abusos contra os direitos humanos. A um custo muito alto para os palestinos, estão a criar espécie de um apartheid ao limitarem e retirarem a liberdade de um povo que se sente no direito de reivindicar e lutar pelo que lhe pertence.

Em suma, as declarações que Said foi fazendo ao longo da sua vida, sobre a actuação desumana e desmedida dos Israelitas e a pretensão do reconhecimento do povo palestiniano como autênticos seres humanos, livre de repressões e tratados de acordo com os preceitos humanitários, mesmo depois de morto, ainda se fazem sentir ao longo de todos esses anos. Com certeza, numa altura como essa, se ainda vivo, a sua luta intelectual seria um grande contributo para a resolução do conflito, na medida em que o seu pensamento tem tido algum impacto em algumas partes do mundo.

### **2.1.3. Ecos da Comunidade Internacional Face ao Conflito**

Embora todo esse processo conflituoso atraia a atenção da Comunidade Internacional, apenas alguns países mostram a sua solidariedade à Palestina. Por exemplo, os EUA aparentam não tomar partido, no entanto, na realidade apoiam todos os actos de Israel:

“ As políticas praticadas pelos Estados Unidos em relação a Israel têm-se centrado na defesa e no apoio a Israel em todas as suas acções. Os estados unidos vetaram resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas de modo a evitarem uma condenação de Israel em casos que correspondem a violações flagrantes do Direito Internacional, que vão da tortura e do uso de helicópteros e mísseis contra civis às populações e anexações legais.”<sup>22</sup>

---

<sup>21</sup> Fontes: in Portal Vermelho

<sup>22</sup> SAID: 2004, p. 41

Sendo a maior potência, deveria servir de mediadora imparcial, uma vez que toma as rédeas para a resolução de conflitos por todo o mundo, quando põe em ação a sua capacidade de intervenção militar nas zonas de conflito. Para esse caso, é bem notória a incapacidade militar dos palestinos em relação a Israel, contudo nunca se viu os EUA tomar a iniciativa de apoiar a Palestina (talvez em 1948, quando os primeiros capacetes azuis são enviados à Palestina) muito pelo contrário, mesmo não se expondo há evidências de que apoia Israel com material de guerra, pois, os EUA pregam o desarmamento, mas são o país que tem o maior arsenal de guerra do mundo e são o maior exportador de armas e “vendem milhares de milhões de dólares em armas ao Médio Oriente, tanto aos países do Golfo como a Israel.”<sup>23</sup>

“(…) os Estados Unidos sempre deram apoio ao sionismo. No entendimento americano, Israel é o moderno e representa o Ocidente na região “bárbara”. Na sociedade americana, as comunidades judaicas fazem parte dos mais diversos níveis sociais, como a plebe, os sindicalistas, os banqueiros e os poderosos do mercado financeiro mundial. Para se ter uma ideia, a Cisjordânia árabe recebe apenas 3 milhões de dólares dos EUA; os israelenses 3 bilhões. (...)”

Com os 3 bilhões dados a Israel, eles estão construindo 100 assentamentos. (...) Essa solidariedade dos EUA a Israel se baseava também em alguns pontos (...). Israel não concorria com os EUA quando vendia armas, pois tinha negócios com países com os quais os EUA não poderiam negociar, pelas razões as mais diversas. Outro ponto é que os EUA tinham perdido sua base no Oriente Médio com a revolução iraniana, e Israel seria então um ponto estratégico para sua influência na região. (...). Portanto, a luta contra o Estado sionista interessa, antes de tudo, ao povo palestino, mas também a todos aqueles que lutam pela igualdade entre os povos. Pois o Estado de Israel, durante sua existência, tem se aliado a tudo que é gangrenado, purulento, na cena política internacional.”<sup>24</sup>

Apesar da eminente indiferença da maior potência, que apoia indiscutivelmente Israel, pelas razões mencionadas, alguns países e algumas instituições mundiais mostram e oferecem a sua solidariedade à Palestina, por o seu senso comum apelar à justiça social e reconhecerem quem são os culpados e as vítimas.

A adesão da Palestina à agência cultural das Nações Unidas, pela UNESCO, em Paris, é um dos aspectos que põe em tona a necessidade de reconhecimento da Palestina como um Estado livre de represálias e torturas desumanas. Entretanto, essa consideração da UNESCO provocou reacções imprevistas provenientes dos EUA, que “tomaram a decisão de cortar os fundos para a agência o que a obrigou a reduzir os

---

<sup>23</sup> SAID: 2004, p. 64

<sup>24</sup> Retirado do site: <http://www.comcidadania.org>

programas de alfabetização e desenvolvimento em países como o Iraque, o Afeganistão e o recém-criado Sudão do Sul.”<sup>25</sup> Entre outras acções, os EUA também pretendem vetar a intenção da Palestina em aderir-se plenamente às Nações Unidas, alegando que deveria haver, antes disso, um acordo com Israel. Por isso, Said não hesita em expressar que

“...toda a política dos Estados Unidos e Israel nos últimos vinte anos tem consistido numa tentativa permanente de ir quebrando a identidade palestiniana, de a fragmentar, de modo a que as pessoas não se sintam parte de uma mesma comunidade que sofre colectivamente, enquanto povo, sob domínio dos israelitas, atrás dos quais, estão, evidentemente, os americanos.”<sup>26</sup>

Pondo de parte o comportamento dos EUA em relação ao conflito, existem países que se destacam na observância de prestar ajuda política, económica e social aos palestinianos. Brasil, na voz da sua mais nova presidente, Dilma Rousseff, diz que

“O governo brasileiro tem a convicção de que “a criação de um estado palestino democrático e não segregador” é condição imprescindível para que haja paz no Oriente Médio. A presidente destacou que o Brasil foi o primeiro país a apoiar a criação do estado israelense. Dilma reconheceu que há necessidade de protecção das populações civis locais, mas que isso não pode ser feito num clima de intolerância. “Nações dignas desse nome só se construíram com liberdade, democracia e igualdade.”<sup>27</sup>

Pode-se constatar no seu discurso que Dilma Rousseff revela que a importância de um estado reconhecido acarreta consigo benesses para as populações que, para o caso da Palestina, sofrem na pele as consequências de uma guerra devastadora: fome, mortes, desemprego, refugiados, emigrantes, destruição de lares, órfãos, viúvos e, principalmente, impossibilidade de sonhar e viver uma vida sem marcas inapagáveis. Todas essas sequelas violam os tratados sobre os Direitos Humanos, ao tirar a oportunidade, o direito e o privilégio de um povo viver em igualdade de direito, fundamentado nos referidos tratados.

Brasil tem também celebrado o dia Internacional de Solidariedade à Palestina, instituído pela Organização das Nações Unidas, em 1977. Tem sido uma forma de dinamizar o apoio à causa Palestina.

---

<sup>25</sup> LEITE, in Expresso

<sup>26</sup> SAID: 2004, p. 54

<sup>27</sup> In O Povo Online

A par do Brasil, o governo de Cuba também se solidariza com a Palestina e já ratificou o seu apoio na sua intenção de se tornar um Estado de Direito, condenando, igualmente, as constantes agressões militares e bombardeios perpetrados por Israel.

Egipto e Turquia apresentaram, também, os seus argumentos face às atitudes de Israel:

“A declaração de apoio à causa palestina foi feita pelo presidente do partido, Mohamed Morsi, durante a visita de Khaled Meshaal, chefe do escritório político do Hamas, ao Cairo. Meshaal cumprimentou o partido pelo resultado nas eleições, enfatizou o papel da população egípcia na sustentação da luta do povo palestino desde o início da ocupação israelense e agradeceu os esforços do governo do Egipto para pôr fim à divisão entre os partidos palestinos e ao bloqueio a Gaza.

Morsi reafirmou que a causa palestina “esteve, está e estará sempre no coração do povo egípcio e no Partido da Liberdade e da Justiça”. Ele também lembrou que o apoio aos palestinos foi um dos pontos-chave da revolução egípcia, afirmando que a população do país sempre rejeitou as atitudes do governo Mubarak em relação à Palestina, principalmente a falta de suporte à resistência contra a ocupação sionista. Morsi acrescentou que apoiará o estabelecimento do Estado palestino “em todos os territórios ocupados, com Jerusalém como capital”. “Também trabalharemos pelo direito de retorno dos refugiados palestinos”, assegurou. Mohammed Badi’a, líder da Irmandade Muçulmana, também manifestou apoio à Palestina. “É preciso completar o processo de reconciliação dos partidos palestinos rapidamente, com base em princípios que satisfaçam todas as partes e as una com força total para fazer frente ao projecto colonial israelense (...) A Turquia, ex-parceira, cortou relações com Israel em consequência do ataque das forças navais israelenses ao navio Mávi Mármara e o assassinato, a sangue-frio, de nove pacifistas turcos que estavam na embarcação (em 2010, ela participava da Frota da Liberdade, que levava ajuda humanitária a Gaza e foi impedida com violência de seguir viagem, em águas internacionais). O governo turco deu por encerradas suas relações diplomáticas com Israel quando os dirigentes sionistas recusaram-se a pedir desculpas pelo ataque e pelos assassinatos.

Isolados também internacionalmente, recebendo críticas até mesmo do Conselho de Segurança da ONU e de países-parceiros, líderes da União Europeia, os sionistas aumentam a repressão aos palestinos por meio de ataques militares, da agressão por parte de colonos nacionalistas ultra-ortodoxos e de leis que intensificam o regime de apartheid – a mais recente proíbe os palestinos casados com as/os nascidos em Israel de receber cidadania israelense, o que causará a separação de centenas de famílias.”<sup>28</sup>

Apesar de as acções israelitas serem notoriamente criticadas por alguns países, Israel acentua diariamente a repressão contra os palestinos. Essa atitude demonstra que

---

<sup>28</sup> Retirado do site: <http://www.patrialatina.com.br>

pouco se importam com a reacção da comunidade internacional, e convencem-se de que a luta que envereda contra a Palestina é uma luta justa, isenta de qualquer intervenção exterior. Esses actos israelenses demonstram que “se os conflitos não forem resolvidos então a estrutura implica conflito, implica violência.”<sup>29</sup> O que significa que a estrutura política de Israel está inclinada para gerar conflito, logo, violência.

#### **2.1.4. Breve Resumo Cronológico dos Principais Acontecimentos**

Em síntese, encontra-se reflectido, abaixo, uma cronologia sobre os principais acontecimentos em torno de um dos mais problemáticos conflitos mundiais:

“1917 - Declaração do Reino Unido

O Reino Unido divulga a Declaração de Balfour, que concede aos judeus direitos políticos como nação, e foi vista pelo povo judeu como uma promessa para a formação de um Estado Judeu nos territórios palestinos.

1947 - Plano de partilha da ONU

Assembleia-geral da Organização das Nações Unidas (ONU) aprova plano para partilha da Palestina, ou seja, a criação de Israel e de um Estado palestino. Até então, a região era uma colónia britânica. A partilha é rejeitada por árabes e palestinos, que prometem lutar contra a formação do Estado judaico.

1949 - Expansão das fronteiras

Em 1949 Israel vence guerra árabe-israelense e expande fronteiras. Cisjordânia e Jerusalém Oriental ficam com a Jordânia; Gaza, com o Egipto. Vários outros conflitos armados ocorreram entre o Estado de Israel e os árabes e palestinos tendo como foco Israel e seu território. No que concerne à conquista de terras, é importante destacar também a Guerra dos Seis Dias, em 1967, quando Israel conquista o deserto do Sinai, a faixa de Gaza (Egipto), a Cisjordânia, Jerusalém Oriental (Jordânia) e as colinas do Golã (Síria). Em 1982, seguindo um acordo entre Israel e o Egipto alcançado três anos antes, os israelenses se retiram do Sinai.

A Cisjordânia e a Faixa de Gaza tornaram-se duas unidades geográficas distintas com o resultado da Linha de Armistício de 1949, que separou o novo Estado judaico de Israel de outras partes da chamada Palestina.

A Assembléia-Geral da ONU aprovou em 1947 a partilha da Palestina em dois Estados: um árabe e outro judaico.

Entre 1987 e 1993, os palestinos empreenderam uma revolta popular contra Israel que ficou conhecida como Intifada. Marcada pelo uso de armas simples, como paus e pedras lançadas pelos palestinos contra os israelenses, a Intifada incluiu também uma série de atentados graves contra judeus.

1993 Acordos de Oslo

Em 1993, na Noruega, Israel se compromete a devolver os territórios ocupados em 1967 em troca de um acordo de paz definitivo. Israel deixa boa parte dos

---

<sup>29</sup> GALTUNG: 1994, p. 212

centros urbanos palestinos em Gaza e Cisjordânia, dando autonomia aos palestinos, mas mantém encraves. O prazo é adiado devido a impasses sobre Jerusalém, o retorno de refugiados palestinos, os assentamentos judaicos e atentados terroristas palestinos.

1998 Processo de paz

Após acordos de paz entre israelenses e palestinos, como o de Oslo (93) e o de Wye Plantation (98), Israel entregou porções de terra aos palestinos.

2000 Camp David

Em Julho de 2000, em Camp David (EUA), Israel ofereceu soberania aos palestinos em certas áreas de Jerusalém Oriental e a retirada de quase todas as áreas ocupadas, mas Iasser Arafat [morto 11 de Novembro de 2004, após ficar internado durante 14 dias em um hospital militar na França] exigiu soberania plena nos locais sagrados de Jerusalém e a volta dos refugiados. Israel recusou.

2000 Segunda Intifada

O segundo levante popular palestino contra Israel que teve início em Setembro de 2000 ficou conhecido como segunda Intifada, e começou quando o então premiê de Israel, Ariel Sharon, visitou a Esplanada das Mesquitas, local mais sagrado de Jerusalém para palestinos e judeus (que o chamam de Monte do Templo).

2002 Muro de protecção

Israel começa a erguer uma barreira para se separar das áreas palestinas com o objectivo de impedir a entrada de terroristas. Palestinos afirmam que a construção do muro é uma anexação de território. A construção inclui série de muros de concreto, trincheiras fundas e cercas duplas equipadas com sensores electrónicos

2002 Quarteto

Em outubro de 2002, um enviado dos EUA apresenta pela primeira vez um esboço do plano de paz internacional elaborado pelo Quarteto [EUA, Rússia, União Européia e ONU]. O novo plano segue as linhas traçadas pelo presidente dos EUA, George W. Bush. Prevê o fim da violência, seguido por reformas políticas e nos serviços de segurança palestinos e a retirada de Israel de territórios ocupados. Forças israelenses cercam Arafat na Muqata (QG do líder) em meio a uma ampla ofensiva lançada após uma onda de ataques terroristas em Israel. Arafat fica proibido por Israel de deixar a Muqata. Fica confinado até antes de sua morte, em Novembro de 2004.

2003 Plano de Paz Internacional

O plano é oficializado em 2003. Seu texto propõe um cessar-fogo bilateral, a retirada israelense das cidades palestinas e a criação de um Estado palestino provisório em partes da Cisjordânia e da faixa de Gaza. Em uma última fase, seria negociado o futuro de Jerusalém, os assentamentos judaicos, o destino dos refugiados palestinos e as fronteiras. Não é mencionado no texto a exigência do governo israelense de que o presidente da ANP (Autoridade Nacional Palestina), Iasser Arafat, morto em 11 de Novembro último, seja removido do cargo. Apenas diz que os palestinos precisam de uma liderança que actue duramente contra o terror.

2003 Mahmoud Abbas

Em Maio, assume o cargo de premiê palestino o moderado Mahmoud Abbas, indicado por Iasser Arafat após ampla pressão internacional. Abbas renuncia cerca de quatro meses depois após divergências com Arafat em relação ao controle da segurança palestina.

2004 Morte de Arafat

Em Novembro, morre o líder da Organização pela Libertação da Palestina, Yasser Arafat.

#### 2005 Eleição

Em Janeiro, Mahmoud Abbas vence as eleições e se torna o novo presidente da Autoridade Nacional Palestina (ANP). Um ano depois, a frustração com seu partido, o Fatah, acusado de corrupção, colabora para a vitória do movimento rival Hamas nas eleições parlamentares palestinas, levando o islâmico Ismail Haniyeh ao posto de premiê. A vitória do Hamas levou a comunidade internacional --liderada pelos EUA e por Israel -- a empreenderem um boicote financeiro à ANP, detonando crises internas e episódios de violência.

#### 2005 Plano de retirada

Lançado pelo premiê israelense, o plano unilateral de Sharon --que alega ter tomado essa iniciativa por não contar com interlocutores confiáveis no lado palestino visa retirar de Gaza e parte da Cisjordânia 25 assentamentos judaicos e suas forças militares. Convivem hoje no território 1,3 milhão de palestinos e cerca de 8.500 judeus. Facções contrárias à retirada adoptam o discurso de não desistir de nenhum centímetro de terra.

#### 2006 Afastamento de Sharon

Em Janeiro, o então premiê israelense Ariel Sharon sofre um derrame cerebral e entra em coma. Ele é substituído interinamente pelo actual premiê, Ehud Olmert. Em Março, eleições israelenses dão a vitória ao partido Kadima (centro), de Olmert, e após formar uma coalizão o líder é confirmado no posto de premiê israelense.

#### 2007 Governo de coalizão palestino

Após meses de negociações, os partidos palestinos rivais Fatah (do presidente da ANP, Mahmoud Abbas) e Hamas (do premiê palestino, Ismail Haniyeh) concordam com a criação de um novo gabinete com poder compartilhado. O acordo foi fechado em Meca (Arábia Saudita) em uma reunião com Abbas, Haniyeh e o líder político do Hamas na Síria, Khaled Meshaal, no dia 8 de Fevereiro.”<sup>30</sup>

Passado meio século de conflito, continuam os assentamentos, os ataques, os acordos não são respeitados, e, ao que tudo indica, uma solução pacífica está longe de ser encontrada, embora esforços sejam enveredados para a restauração de uma paz efectiva. O grande impasse para a resolução deve-se à ocupação israelita na Faixa de Gaza e na Cisjordânia, as quais os palestinos reivindicam a sua concessão e/ou devolução.

Para estancar o conflito, será preciso que ambas partes entrem num acordo sobre as fronteiras da Cisjordânia e da Faixa de Gaza, pois, segundo Johan <sup>31</sup>Galtung, “ o caminho para a paz passa por resoluções criativas do conflito, o que geralmente, significa a transformação de algumas estruturas, e, através de substituição de culturas de violências por culturas da paz, deslegitima a violência.”

---

<sup>30</sup> In israelenses e palestinos

<sup>31</sup> In Direitos Humanos, Uma Nova Perspectiva, 1994, p. 213

Para Said, uma solução viável para pôr fim ao conflito, seria a criação de um Estado Binacional, pois segundo os seus argumentos, onde ele mesmo destaca uma experiência vivida

“É a primeira fase da minha vida, desde que deixei a Palestina no final de 1947, em que vou à Margem Ocidental, à Faixa de Gaza e a Israel com alguma frequência. Estive lá cinco vezes durante o último ano. Quanto mais lá vou, mais impressionado fico com o facto de os judeus israelitas e os palestinianos estarem irrevogavelmente associados em termos demográficos. É a primeira coisa em que se repara. Os israelitas são verdadeiros maníacos de construção de estradas. Na Faixa de Gaza, muitas dessas estradas contornam as povoações palestinianas. Mas, mesmo assim, é um espaço tão pequeno que não é de todo possível evitar por completo o contacto entre uns e outros. E depois os israelitas empregam os palestinianos na construção e na expansão dos colonatos de Gaza e da Margem Ocidental. É uma das maiores ironias de sempre. Há palestinianos que são empregados de restaurantes no interior de Israel, em sítios como Telavive, Jerusalém Ocidental e Haifa. E, claro, na Margem Ocidental, onde estão os colonos, especialmente em Hebron. (...). Nesses lugares, os israelitas e palestinianos interagem, com antipatia e hostilidade, mas fisicamente partilham o mesmo espaço. (...). Há umnexo sem retorno entre um e outro dos dois elementos, que ficou, em grande parte, a dever-se à agressividade com que os israelitas entraram no território palestiniano, e, desde o início, invadiram o espaço dos palestinianos. A meu ver, este nexo implica que terá de ser estabelecido uma ou outra forma de entendimento que permita a israelitas e palestinianos viverem juntos e em paz. O que não poderá ser obtido por meio da separação.”<sup>32</sup>

Dados os contornos em que a colonização israelita atingiu, por meio das ocupações ilegais na Palestina, é possível que o ponto de vista de Said seja uma das soluções adequadas para a resolução do conflito. Contudo, espera-se que tanto Israel como a Palestina cedam as suas posições de modo a que se pare de uma vez por todas o conflito que vem arrastando consigo milhares de vítimas, incluindo crianças, os seres humanos mais vulneráveis.

## **2.2. O Humanismo e as Suas Bases Filosóficas**

De acordo com Miguel Duarte, o humanismo tem os seus antecedentes na Grécia Antiga e a origem do mesmo está alicerçada em três etapas: o humanismo na antiguidade, o humanismo no renascimento e o humanismo no iluminismo.

Sócrates foi um dos primeiros humanistas da antiguidade e deu origem ao humanismo secular, ao usar a racionalidade (razão) para explicar os fenómenos do

---

<sup>32</sup> SAID: 2003, p. 17

mundo sem tomar partido da religião, pois “foi dos primeiros a afirmar que era possível ao homem alcançar verdades absolutas sobre o Universo e que a base para a aquisição de conhecimento era a razão”<sup>33</sup>. Para ele, o ser humano era o centro das atenções, proporcionando-lhes, assim, os melhores pressupostos para o seu bem-estar.

Para os estóicos, também do humanismo da antiguidade, o ser humano era a razão da sua filosofia, preocupando-se com o seu bem-estar, chegaram a criar instituições de caridade para os pobres e doentes. Em suma, o humanismo da antiguidade “concentrava-se nos seres humanos, aceitavam a razão do homem como base de toda a percepção, acreditavam na existência de uma ordem universal e acreditavam numa lei natural que se aplicava a todos os seres humanos.”<sup>34</sup>

O humanismo do renascimento foi uma época de viragem, ou seja, dos descobrimentos e aplicação de novas formas de ver a vida, o mundo. Nele, despontou-se o interesse pelas artes e pelo conhecimento e procurava-se exprimir as mais diversas formas de arte, humanidades, feitas pelo homem para os homens, permitindo, desse modo, o desenvolvimento e a evolução das sociedades. As principais ideias filosóficas dessa época foram: “uma nova atitude em relação à humanidade, uma grande vitalidade intelectual, uma nova visão do mundo natural, um novo método científico que retirou à religião o controle do conhecimento e a importância de apreciar a vida ao máximo.”<sup>35</sup>

Por último, o humanismo do iluminismo, além de propiciar ideias renovadoras ao humanismo, aprofundou o que já vinha sendo praticado pelos renascentistas. Voltaire, um dos nomes soantes desse humanismo, “lutou contra o fanatismo, contra a intolerância e abuso de poder, contra a opressão religiosa e crença dogmática.”<sup>36</sup> Consegue-se perceber que Voltaire defendia o senso crítico a partir da razão, ao afirmar que

“a cegueira e a ignorância faziam com que os homens se perseguissem e matassem uns aos outros, em nome da religião (...) e que esclarecimento e a razão acabariam mais tarde ou mais cedo por vencer, desde que se conseguisse explicar

---

<sup>33</sup> DUARTE, 2002.

<sup>34</sup> DUARTE, 2002

<sup>35</sup> Idem

<sup>36</sup> DUARTE: 2002

os novos conceitos e ideias do Iluminismo de uma forma simples, compreensível por todos.”<sup>37</sup>

Os humanistas iluministas “primavam pela razão, trabalhavam pela educação das massas, acreditavam no progresso cultural e tecnológico, lutavam pela inviolabilidade dos indivíduos, pela liberdade de expressão, pela justiça, filantropia e a intolerância.”<sup>38</sup>

O humanismo é um dos componentes que serviu de base para as análises e interpretações feitas por Edward W. Said em torno dos problemas que abalam a Palestina, o mundo, e que trazem como consequência o desprestígio da essência e a desvalorização dos Direitos Humanos. Evidentemente, muitos dos pressupostos defendidos por Said já se confinavam aos preceitos da época de Sócrates e de Voltaire.

Um dos princípios do humanismo mais usados pelos humanistas actuais, o qual concede credibilidade ao que se diz e ao que se pensa é a investigação. Esta investigação deve buscar os seus alicerces no conhecimento científico (ciência) e na racionalidade (razão); estes dois aspectos vão dar maior credibilidade aos fundamentos a serem apresentados. O próprio Said defende que “o humanismo é a noção secular de que o mundo histórico é feito por homens e mulheres (...) e que pode ser compreendido racionalmente.”<sup>39</sup>

Segundo Henrique Reis, e relembrando ao que já foi dito anteriormente, “o humanismo afirma que o ser humano é o valor mais importante e central.”<sup>40</sup> Seguindo esta aceção, claramente justifica o papel de Said na luta pela igualdade de direitos, justiça social e na preservação da paz, por intermédio ; elementos que, adoptados de forma plena, contribuem para a valorização do ser humano e do seu bem-estar.

Ainda de acordo com Henrique Reis, o humanismo possui as suas principais correntes filosóficas<sup>41</sup> e pode ser fragmentado por:

“ **Humanismo Marxista:** (...) o ser humano é um ser natural, (...) possui uma especificidade que o identifica como ser humano (...) fundamentalmente diferente

---

<sup>37</sup> Idem

<sup>38</sup> Ibidem

<sup>39</sup> SAID, 2004, p. 29

<sup>40</sup> REIS, 2006, p. 39

<sup>41</sup> REIS, 2006, p. 40

de todos os outros seres naturais, e esta característica é a sociabilidade, a capacidade de formar uma sociedade.

**Humanismo Cristão:** (...) a humanidade do homem é considerada e definida a partir do ponto de vista de seus limites em relação a Deus.

**Humanismo Existencialista:** (...) o homem não tem uma essência determinada, o homem é fundamentalmente uma existência lançada ao mundo. A característica fundamental que faz que o faz humano é a liberdade de escolher e de escolher-se, de projectar e fazer.

**Humanismo Secular:** os humanistas seculares não dependem de Deus ou outras forças sobrenaturais (...). Dependem da aplicação da razão, das lições de história e da experiência pessoal para formar um fundamento moral e ético e para criar sentido na vida. Humanistas seculares vêm a metodologia da ciência como a mais confiável fonte de informação sobre o que é factual ou verdadeiro sobre o universo (...), reconhecendo que novas descobertas sempre estarão alterando e expandindo nossa compreensão deste e possivelmente mudarão também nossa abordagem de assuntos éticos.

**Novo Humanismo:** (...) os humanistas consideram o ser humano como valor central; a ação dos humanistas parte da necessidade da vida humana e não de teorias sobre Deus, a natureza, a sociedade ou a história; os humanistas propõem a transformação radical daquelas estruturas políticas e económicas que geram os actuais problemas sociais.”

Diante desses princípios, pressupõe-se que Said segue, em simultâneo, dois deles, nomeadamente: o Humanismo Secular e o Novo Humanismo, embora alguns itens dos restantes princípios também sejam encontrados ao longo dos seus argumentos. No seu discurso facilmente consegue-se perceber, em todos os momentos, a não recorrência aos poderes divinos, pelo contrário, como já foi mencionado anteriormente, as suas bases de indagação e de contestação assentam sempre na racionalidade, na ciência, na história e na literatura, a fim de preservar e de dar cientificidade aos seus argumentos que, por sua vez, contribuem para enaltecer e promover a dignidade humana. Sendo um intelectual activista, para ele, o intelectual “tem apenas meios seculares para trabalhar; a revelação e a inspiração divinas, embora perfeitamente plausíveis como modos de compreensão na vida privada, são desastrosas e mesmo bizarras quando usadas por homens e mulheres de espírito especulativo.”<sup>42</sup>

---

<sup>42</sup> SAID: 2004, p.92

### 2.3. A Essência dos Direitos Humanos

Todo o ser humano, integrado numa sociedade ou numa comunidade, está, ou deveria estar, sujeito à protecção pelos direitos que lhe são reconhecidos pelo Estado, patentes na Constituição que regula as leis e normas desse mesmo Estado. Por todo o mundo, manifestam-se grandes anomalias no que diz respeito à violação dos acordos assinados em torno da aplicabilidade dos direitos humanos. Por exemplo, no caso da Palestina, em que diariamente se ouve falar sobre as consequências das agressões realizadas pelos israelitas ao povo palestiniano; o caso do Sudão, da Somália, onde milhares de crianças são mortas diariamente; famílias são desalojadas; e, em última instância, o exílio, como forma de sobrevivência.

Dentre um leque de definições sobre Direitos Humanos, a de António Henrique Perez Luño enquadra-se mais precisamente no âmbito de estudo desse tema:

“Os direitos humanos surgem como um conjunto de faculdades e instituições que, em cada momento histórico, concretizam as exigências de dignidade, liberdade e igualdades humanas, as quais devem ser reconhecidas positivamente pelos ordenamentos jurídicos, nos planos nacional e internacional.”<sup>43</sup>

De acordo com essa definição, denota-se que, independentemente de existirem vários Estados de Direito por todo o mundo, são todos chamados a respeitar e a fazer respeitar os Direitos Humanos dentro ou fora da sua área de jurisdição. Por este facto, foram criadas várias organizações e/ou instituições governamentais e não governamentais com o objectivo de validar e acompanhar a aplicação dos Direitos Humanos em todos os países do mundo já que os Direitos Humanos são universais.

A origem da valorização dos Direitos Humanos (pois direitos humanos são inatos a todos os seres humanos desde o momento que nascem) está ligada aos vários momentos de reivindicações que se deram ao longo da história da humanidade, por individualidades que buscavam o reconhecimento integral como seres humanos e do seu bem-estar. Existe uma sequência cronológica sobre a história para a consolidação da essência dos direitos humanos<sup>44</sup>:

“1- Magna Carta — 1215;

---

<sup>43</sup> In apostilas.adv.br, p.2

<sup>44</sup> COMPARATO, 1999, p. 11-12

- 2- Lei de Habeas-Corpus — Inglaterra, 1679;
- 3- Declaração de Direitos (Bill of Rights) — Inglaterra, 1689;
- 4- A Declaração de Independência dos Estados Unidos;
- 5- A Declaração de Direitos Norte-Americana;
- 6- As Declarações de Direitos da Revolução Francesa;
- 7- A Constituição Francesa de 1848;
- 8- A Convenção de Genebra de 1864;
- 9- O Ato Geral da Conferência de Bruxelas de 1890 (tráfico de escravos);
- 10- A Constituição Mexicana de 1917;
- 11- A Constituição Alemã de 1919;
- 12- A Convenção de Genebra sobre a Escravatura — 1926;
- 13- A Convenção Relativa ao Tratamento de Prisioneiros de Guerra, 1929;
- 14- A Carta das Nações Unidas;
- 15- A Declaração Universal dos Direitos Humanos — 1948;
- 16- A Convenção para a Prevenção e Repressão do Genocídio — 1948;
- 17- As Convenções sobre a Protecção de Vítimas de Conflitos Bélicos — 1949;
- 18- A Convenção Europeia dos Direitos Humanos — 1950;
- 19- Os Pactos Internacionais de Direitos Humanos de 1966;
- 20- A Convenção Americana de Direitos Humanos — 1969;
- 21- A Convenção Relativa à Protecção do Património Mundial — 1972;
- 22- A Carta Africana dos Direitos Humanos e dos Povos — 1981;
- 23- A Convenção sobre o Direito do Mar — 1982;
- 24- A Convenção sobre a Diversidade Biológica — 1992”

Embora, desde início do século XX, já existisse uma preocupação pela valorização dos direitos do ser humano, só a partir de 1945, logo após à Segunda Guerra Mundial, viu-se a necessidade de se despertar para a manutenção da paz e do bem-estar

de todos os povos, criando-se alicerces a fim de se evitarem que horrores decorrentes dessa guerra se voltassem a repetir no mundo: o desrespeito pela vida humana, mortes em escala assombrosa, fome, miséria, pobreza, migrações, etc. Assim, em 1948, os países membros da Organização das Nações Unidas assumiram uma resolução que passou a denominar-se Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH). Esses direitos englobam os aspectos civis, políticos, económicos, sociais, e culturais e estão dispostos em trinta artigos. Deste modo, “ (...) a Declaração de 1948 inova a gramática dos direitos humanos, ao introduzir a chamada concepção contemporânea de direitos humanos, marcada pela universalidade e indivisibilidade destes direitos.”<sup>45</sup>

Em 1966, surgiram dois pactos, decorrentes dessa declaração, com o objectivo de facilitar a diferenciação e a aplicação concreta dos Direitos Humanos, nomeadamente: o Pacto Internacional sobre os Direitos Civis e Políticos e o Pacto Internacional sobre os Direitos Económicos, Sociais e Culturais. Os artigos que figuram nestes pactos são os mesmos constantes da declaração, que de um modo geral apelam ao respeito à vida humana e à implementação de condições propícias ao bem-estar de todas as pessoas em todos os domínios da vida e da sociedade, ou seja, conceder-lhes tudo o que têm direito como seres humanos e como cidadãos. Vale dizer que estes dois pactos são auto-dependentes, ou seja, estão interligados, apesar de fazerem parte de âmbitos diferentes. A universalidade e a indivisibilidade tornam-lhes mais compacta, relativamente aos valores que se lhes impõem:

“Universalidade porque clama pela extensão universal dos direitos humanos, sob a crença de que a condição de pessoa é o requisito único para a titularidade de direitos, considerando o ser humano como um ser essencialmente moral, dotado de unicidade existencial e dignidade. Indivisibilidade porque a garantia dos direitos civis e políticos é condição para a observância dos direitos sociais, económicos e culturais e vice-versa. Quando um deles é violado, os demais também o são. Os direitos humanos compõem, assim, uma unidade indivisível, interdependente e inter-relacionada, capaz de conjugar o catálogo de direitos civis e políticos ao catálogo de direitos sociais, económicos e culturais.”<sup>46</sup>

De uma maneira geral, pode-se resumir a essência dos dois pactos, referentes aos direitos humanos, em linhas mais genéricas: o direito à vida, à liberdade, à liberdade de expressão; a dignidade de todos os seres humanos sem excepção, a igualdade entre

---

<sup>45</sup> In Caderno de Direito Constitucional, 2006

<sup>46</sup> Idem

todas as pessoas, condições sociais favoráveis ao bem-estar de todos, tais como: educação, saúde, habitação; a repulsa a todas as formas de escravidão; a proscricção de todos os preconceitos e exclusões; a proscricção da tortura e dos direitos dos presos; o direito à protecção pela lei, o direito ao asilo, o direito à privacidade, da honra, da família, da casa e do lugar onde se abriga; o direito à democracia; direito à paz e à solidariedade internacional; o direito ao trabalho como factor de criação de riqueza; justiça, fraternidade e tolerância; direito à livre locomoção dentro e fora do seu país...

Por exemplo, ao longo do discurso de Said, embora não muito focalizado, facilmente se consegue perceber a sua preocupação em defender os direitos dos palestinos, que, ao mesmo tempo, se estende para outros povos, como um apego à solidariedade.

“ A ocupação da Faixa de Gaza e da Margem Ocidental por colonos, colonatos e estradas, a constante expropriação de terras palestinianas, a destruição de searas e olivais para dar lugar à construção de novas vias de circulação, o reordenamento geográfico tendente a permitir um maior controlo israelita, todas essas políticas (...) seguem o modelo de todos os colonialismos clássicos. Isto é, são políticas que visam assegurar a manutenção da subordinação dos oprimidos e subjugados, a bem do lucro, e por vezes, capricho dos ocupantes.”<sup>47</sup>

Nota-se visivelmente que os direitos à terra, à liberdade de locomoção são vedados aos palestinos pelos israelitas. Obviamente, outras privações advêm da violação desses direitos.

Por conseguinte, a luta enveredada pelos palestinianos é uma busca pela sua dignidade como seres humanos sedentos de uma vida tranquila, tal como afirma Joaquim Herrera<sup>48</sup> Flores,

os direitos humanos compõem a nossa racionalidade de resistência, na medida em que traduzem processos que abrem e consolidam espaços de luta pela dignidade humana. Realçam, sobretudo, a esperança de um horizonte moral, pautada pela gramática da inclusão, reflectindo a plataforma emancipadora de nosso tempo.

Deste modo, aos palestinos cabe-lhes o direito e o dever de evitar que horrores sucedidos aos judeus na era de Adolf Hitler se repitam no seu quotidiano. Pois, foi

---

<sup>47</sup> SAID: 2004, p.42

<sup>48</sup> In Caderno de Direito Constitucional, 2006

devido a esses acontecimentos que o propósito de se acautelarem tormentos, sofrimentos aos seres humanos deu origem à resolução da carta dos Direitos Humanos:

Apresentando o Estado como o grande violador de direitos humanos, a era Hitler foi marcada pela lógica da destruição e descartabilidade da pessoa humana, que resultou no envio de 18 milhões de pessoas a campos de concentração, com a morte de 11 milhões, sendo 6 milhões de judeus, além de comunistas, homossexuais, ciganos, ... O legado do nazismo foi condicionar a titularidade de direitos, ou seja, a condição de sujeito de direitos, à pertinência a determinada raça - a raça pura ariana. No dizer de Ignacy Sachs, o século XX foi marcado por duas guerras mundiais e pelo horror absoluto do genocídio concebido como projecto político e industrial.

É neste cenário que se desenha o esforço de reconstrução dos direitos humanos, como paradigma e referencial ético a orientar a ordem internacional contemporânea. Ao cristalizar a lógica da barbárie, da destruição e da descartabilidade da pessoa humana, a Segunda Guerra Mundial simbolizou a ruptura com relação aos direitos humanos, significando o Pós - Guerra a esperança de reconstrução destes mesmos direitos. É neste cenário que se manifesta a grande crítica e repúdio à concepção positivista de um ordenamento jurídico indiferente a valores éticos, confinado à óptica meramente formal - tendo em vista que o nazismo e o fascismo ascenderam ao poder dentro do quadro da legalidade e promoveram a barbárie em nome da lei.<sup>49</sup>

Logicamente, atendo-se às barbáries atitudes dos israelitas, nota-se que ainda se vivem climas de terrorismo, fruto de um fascismo que afronta os direitos de um povo e a própria Comunidade Internacional.

Em 1993, realizou-se a Cimeira Mundial sobre Direitos Humanos, promovida pelas Nações Unidas, em Viena, que vem renovar (concedendo maior eficácia e protecção aos direitos humanos) a Declaração de 1948 ao afirmar que, além da universalidade, interdependência e a inter-relação, existe também a interdependência entre os valores dos Direitos Humanos, Democracia e Desenvolvimento. Para Flávia Piovesan<sup>50</sup>, no seu trabalho *Direitos Humanos e o Direito Constitucional Internacional*, 2006, não há direitos humanos sem democracia e tampouco democracia sem direitos humanos.

---

<sup>49</sup> In Caderno de Direito Constitucional, 2006

<sup>50</sup> Professora Doutora da PUC/SP nas disciplinas de Direitos Humanos e Direito Constitucional; Professora de Direitos Humanos dos Programas de Pós Graduação da PUC/SP, da PUC/PR e da Universidade Pablo de Olavide (Espanha); Procuradora do Estado de São Paulo; Visiting fellow do Harvard Human Rights Program (1995 e 2000); membro do Comitê Latino- Americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos das Mulher (CLADEM) e membro do Conselho Nacional de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana.

Por serem de âmbito universal, sentiu-se a necessidade de se expandir a obrigatoriedade de todos os países se pautarem por um documento único que velasse pela consonância da igualdade de aplicabilidade dos direitos humanos. Para tal, existem organizações internacionais destinadas a promulgarem e a controlar o cumprimento desses direitos pelos actuais Estados, pois, a violação dos direitos humanos não é somente concebida como questão interna de cada Estado, mas também uma preocupação no âmbito da comunidade internacional devido a sua importância, na medida em que os direitos humanos vêm se internacionalizando diariamente. Essa preocupação manifestou-se primeiramente com a assinatura da Carta das Nações Unidas, onde se encontra o modelo de conduta nas relações internacionais, em que se destacam: a manutenção da paz e segurança internacional, o desenvolvimento de relações amistosas entre os Estados, a adopção de cooperação internacional no plano económico, social e cultural, a adopção de um padrão internacional de saúde, a protecção ao meio ambiente, a criação de uma nova ordem económica internacional e a protecção internacional dos direitos humanos.

## Capítulo III – Análise e Interpretação do Pensamento de Edward W. Said

### 3.1- O Humanismo Aliado aos Ideais de Edward W. Said

Um dos fundamentos das teses e argumentos de Said para a questão palestina e até mesmo para a desmistificação da hi (e)stória do Oriente, inventada pelos ocidentais, é o Humanismo que, por sua vez, se serve das realizações humanas para promulgar a verdade através do conhecimento.

De acordo com as diferentes aceções sobre o humanismo, já referenciadas no Capítulo I, viu-se que as fundamentações de Said estavam associadas a dois tipos de humanismo, respectivamente, Humanismo Secular e Novo Humanismo. Isso porque, em todos os seus textos prevalece a busca pela verdade, baseada na autocrítica e no autoconhecimento. Essa autocrítica e autoconhecimento, que só os seres humanos são capazes de os fazerem, podem ser manifestados, de acordo com Said, a partir da literatura que, por sua vez, apresenta o percurso histórico de um povo, de uma sociedade e do mundo, em geral. E retirar conceitos analiticamente a partir da literatura, não é mais do que conhecer a fundo o que já foi vivido, escrito e testemunhado; o que representam ainda as bases para o entendimento do que acontece no presente e o que vai acontecer no futuro, numa determinada sociedade, bem como as transformações que vão ocorrendo no mundo actual.

Parafraseando Akell Bilgrami<sup>51</sup>, Said afirma que:

“ (...) enquanto não suplementamos o autoconhecimento com a autocrítica, na verdade, enquanto recusa compreendermos o autoconhecimento como sendo constituído pela autocrítica, o humanismo e suas manifestações curriculares ( “as humanidades”) ainda não são visíveis no horizonte. O que torna esse suplemento e essa nova compreensão possíveis é o estudo da literatura. Em termos esquemáticos, o estudo da literatura, ao suplementar o *autoconhecimento*, faz florescer a capacidade humana verdadeiramente única, a capacidade de ser autocrítico.”<sup>52</sup>

---

<sup>51</sup> Autor da apresentação do livro de Said “Humanismo e Crítica Democrática” e professor de filosofia e director do Heyman Center the Humanities, da Universidade de Columbia.

<sup>52</sup> SAID, 2007, p.11

Em “Orientalismo”, um dos mais conhecidos livros de Said, são evidenciados uma série de contestações devidamente fundamentadas, baseadas nos princípios do humanismo e da literatura, em relação às falsas representações que o Ocidente faz do Oriente.

O Oriente tem sido vítima de preconceitos no que diz respeito à sua cultura, hábitos e costumes pelo Ocidente, por estes se acharem literalmente superiores a todos os níveis. Por este motivo, o Oriente vive enormes turbulências por ser vista à margem daquilo a que se intitula por civilização, tal como pensam e afirmam os ocidentais. Um facto comprovativo é o conflito israelo-palestiniano que perdura há mais de 30 anos, no qual se vêem focados problemas de várias ordens: políticos, sociais, económicos, culturais e religiosos. Neste conflito, Israel leva vantagem da palestina por ter apoio dos Estados Unidos que também menosprezam os orientais, pelos motivos já evocados anteriormente. Outrossim, o pouco interesse da comunidade internacional em pressionar Israel para que cumpra os acordos de paz estabelecidos, até ao momento, mostra que existe um certo favoritismo para Israel em detrimento da Palestina. Obviamente que essa desvantagem seja fruto das concepções erradas que se fazem em torno do povo do oriente, além de interesses económicos. Por exemplo, o oriente era quase fruto de uma invenção pelos europeus, o que permite uma distorção das estruturas que formam a realidade do Oriente.

O Orientalismo vem precisamente mostrar que o que está encoberto pelas «teses» dos europeus sobre a imagem que vêm construindo do mundo oriental não corresponde a verdade, e que existe um vínculo entre a cultura oriental e ocidental, ou seja, segundo Said, o Oriente é uma parte integrante da civilização e cultura material da Europa e enquanto entidades geográficas apoiam-se e reflectem-se uma na outra: “ (...) as culturas coexistem e interagem proveitosamente umas com as outras.”<sup>53</sup> Por outra, “as culturas estão tão entrelaçadas demais, seus conteúdos, e histórias demasiadamente interdependentes e híbridos para que se faça uma separação em oposições vastas e sobretudo ideológicas como Oriente e Ocidente”.<sup>54</sup> Tais afirmações põem em voga a importância que o mesmo vê de se valorizar o humanismo. Numa das suas abordagens, no seu livro “Humanismo e Crítica Democrática”, ele declara que “ o tema deste livro

---

<sup>53</sup> SAID, 2007, p.16

<sup>54</sup> SAID, 2005, p. 12

não é o humanismo *tourt court*, (...) mas antes o humanismo e a prática crítica, o humanismo que informa o que alguém faz como intelectual e professor erudito das humanidades no mundo turbulento de nossos dias, transbordante de beligerância, guerras reais e todo o tipo de terrorismo.”<sup>55</sup>

Assegura Said que

“Enquanto sector do pensamento e do conhecimento, o orientalismo compreende naturalmente vários aspectos sobrepostos. Em primeiro lugar, a relação cultural e histórica cambiante entre Europa e Ásia – uma relação com 4 mil anos de história. Em segundo, a disciplina científica no Ocidente segundo a qual, a partir do século XIX, alguém se especializava no estudo de várias culturas e tradições orientais. Em terceiro, as suposições, imagens e fantasias ideológicas sobre uma região do mundo chamada Oriente. O denominador comum desses três aspectos do orientalismo é a linha que separa o Ocidente do Oriente e essa linha, sustentei eu, é mais um fato da produção humana do que da natureza – chamei-a de geografia imaginativa. (...) o Oriente e o Ocidente são fatos produzidos por seres humanos e como tal devem ser estudados como componentes integrantes da natureza social e não divina ou natural do mundo. E uma vez que o mundo social inclui a pessoa ou o sujeito que faz o estudo, assim como o objecto ou domínio que está sendo estudado, é imperativo incluir ambos em qualquer consideração do orientalismo.”<sup>56</sup>

Said não consegue diferenciar Ocidente e Oriente por achar, como já foi referenciado, que existe uma forte relação entre os dois extremos e pelo facto de “nem o termo Oriente nem o conceito de Ocidente terem qualquer estabilidade ontológica; um e outro são feitos de esforço humano, em parte afirmação, em parte identificação do Outro.”<sup>57</sup> Para ele, as distorções da realidade histórica são frutos de conhecimentos impostos por alguma conveniência da parte de quem queria tirar algum proveito das situações que se impõem. Assim, defende que

“(…) existe uma diferença entre o conhecimento de outros povos e de outros tempos que é produto do entendimento, da compaixão, do estudo cuidadoso e da análise séria, e, por outro lado, o conhecimento – se é que disso se trata – que faz parte de uma abrangente campanha de auto-afirmação, beligerância e guerra directa. Existe, afinal, de contas, uma profunda diferença entre a vontade de compreender por razões de coexistência e de alargamento de horizontes

---

<sup>55</sup> SAID: 2007, p.20

<sup>56</sup> SAID: 2003, p. 62

<sup>57</sup> SAID: 2004, p. XIII

humanísticos, e a vontade de dominar por razões de controlo e domínio externo.”  
58

Pode-se deduzir, aqui, que se houvesse maior interesse das pessoas em conhecer com profundidade a realidade histórica que circunda cada povo, cada sociedade, cada país, cada continente, provavelmente, se chegaria a conclusão de que não existem diferenças abismais, mas sim pequenos detalhes que particularizam um povo e outro. Essa apreciação, pelo conhecimento do outro, bem digerida e sem interesses políticos e económicos tornaria o mundo bem mais acolhedor do ponto de vista humano.

Por exemplo, veja-se o que sucedeu com o Iraque. Foi acusado pelos Estados Unidos de possuírem armas de destruição maciça, quando na realidade não foram encontradas provas da existência das mesmas, naquele país. No entanto, uma guerra injusta nasceu em função de acusações infundadas. Uma mentira baseada num conhecimento com fortes interesses. Said afirma que

“se o Iraque fosse o maior exportador mundial de bananas ou de laranjas decerto não teria havido nenhuma guerra, nem nenhuma histeria a propósito das armas de destruição maciça, nem a deslocação de uma força militar gigantesca para um local a sete mil milhas de distância, com o intuito de destruir um país praticamente desconhecido (...).”<sup>59</sup>

Em função de acontecimentos do género que se vão desenrolando diariamente, Said lamenta que

“A reflexão, o debate, a argumentação racional, o princípio moral que se baseia numa noção secular a qual os seres humanos devem criar a sua própria história, tudo isto foi substituído por ideias abstractas que celebram a excepcionalidade americana ou ocidental, denigrem a relevância do contexto e olham para as outras culturas com um desprezo escarnekedor.”<sup>60</sup>

Enaltece, ainda, que “a actividade humana está sujeita a análises e investigações e é missão do conhecimento apreendê-la, criticá-la, influenciá-la e julgá-la.”<sup>61</sup> Acrescenta que “temos de nos concentrar não no choque de civilizações que foi

---

<sup>58</sup> SAID: 2004, p. XV

<sup>59</sup> SAID: 2004, p. XVI

<sup>60</sup> SAID: 2004, p. XVII

<sup>61</sup> SAID: 2004, p. XXIV

fabricado mas sim no lento trabalho conjunto de culturas que se sobrepõem, que recorrem umas às outras.”<sup>62</sup>

Para a concretização do acima exposto, a importância do humanismo impõe-se, visto que “o humanismo centra-se na actividade da individualidade humana e da intuição subjectiva, muito mais do que em ideias herdadas e numa autoridade reconhecida”<sup>63</sup> por ser, principalmente, “ (...) a nossa única resistência às práticas inumanas e às injustiças que desfiguram a história humana.”<sup>64</sup>

### **3.2- Edward W. Said e os Direitos Humanos**

Os Direitos humanos estão intrinsecamente ligados ao pensamento de Said, apesar de não constarem nos seus livros de um modo muito abrangente. Contudo, consegue-se notabilizar a sua indignação face à violação dos direitos dos palestinianos, consequência do conflito provocado pelos israelitas. A sua reacção face a essas violações acaba por o introduzir numa luta global, apelando pelo respeito e cumprimento dos direitos humanos, violado em muitos países do mundo.

Ao longo das suas explanações, pode-se observar algumas descrições sobre a transgressão dos direitos humanos na Palestina. Em “ Cultura e Resistência”, consegue-se extrair muitas dessas transgressões em que Said não esconde a sua indignação e espírito crítico face aos atropelos que os israelitas realizam quase que diariamente e a incansável obstinação em chamar a atenção da comunidade internacional, para a resolução da paz na Palestina.

Os desrespeitos pelos direitos humanos na Palestina, começaram precisamente a partir do momento em que os israelitas pilharam parte de uma terra que não lhes pertencia, pois “ (...) os israelitas entraram no território palestiniano e, desde o início, invadiram o espaço dos palestinianos.”<sup>65</sup> Essa realidade que se configura até aos dias de hoje contrapõe um dos fundamentos da carta dos direitos humanos que é precisamente a obrigação de todos os estados de promoverem e respeitarem os direitos e liberdades do

---

<sup>62</sup> SAID: 2004, p. XXIV

<sup>63</sup> Idem

<sup>64</sup> SAID: 2004, p. XXV

<sup>65</sup> SAID 2003, p.17

homem. Nessa conformidade, os israelitas (ou judeus) começam por violar o primeiro artigo da Declaração Universal dos Direitos Humanos que fundamenta, de uma maneira geral, todos os outros artigos que se seguem: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.” Pelo facto de os israelitas ou judeus se acharem diferentes e superiores aos palestinianos e donos da Palestina, desvalorizam e afrontam o referido artigo na medida em que agem com os palestinianos em espírito de terrorismo e não de fraternidade. Esse espírito de terrorismo ainda invade a vida dos palestinianos, conforme as descrições feitas ao longo da dissertação sobre a actuação impiedosa de Israel.

Consequentemente, ao agirem em espírito de terrorismo, causam enormes danos morais e materiais à vida dos palestinianos. Obviamente, voltando a evidenciar, um desses danos começa em 1948, conforme uma declaração de Said:

“Uma sociedade existente na Palestina, essencialmente composta de árabes, foi desenraizada e destruída. (...). No final do conflito, em 1948, os palestinianos eram uma minoria no seu próprio país. Dois terços tinham-se tornado refugiados, cujos descendentes actuais são cerca de sete milhões e meio de pessoas espalhadas pelo mundo árabe, Europa, Austrália, e América do Norte. O que restava da população ficou sob a ocupação militar israelita a partir de 1967, quando a Margem Ocidental e a Margem de Gaza, bem como Jerusalém Oriental foram tomadas e ocupadas.”<sup>66</sup>

Essa declaração mostra visivelmente o desrespeito do artigo 17º: “Toda a pessoa, individual ou colectiva, tem direito à propriedade. Ninguém pode ser arbitrariamente privado da sua propriedade.”

Por consequência dessa ocupação, os palestinianos vêm-se privados de circular dentro do seu próprio território e de usufruir de direitos que a princípio deveriam ser respeitados, pois “não lhes é permitido possuir, arrendar ou comprar terras. As suas terras são regularmente confiscadas. É uma política de violência e de discriminação do tipo mais atroz.”<sup>67</sup> A par desses actos hediondos, os palestinianos sofrem uma série de dificuldades ao nível social, uma vez que nas suas povoações “as escolas estão claramente numa situação de grande desfavor, os serviços básicos, como a electricidade

---

<sup>66</sup> SAID, 2003, p. 37

<sup>67</sup> SAID, 2003, p. 52

e a água, são de fraca qualidade.”<sup>68</sup> Estas privações chocam com os artigos 22º e 25º da Carta dos Direitos Humanos onde manifesta que “Toda a pessoa como membro da sociedade tem direito à segurança social (...)”, bem como “ (...) direito a um nível de vida suficiente para lhe assegurar e à sua família a saúde e o bem-estar, principalmente quanto à alimentação, ao vestuário, ao alojamento, à assistência médica e ainda quanto aos serviços sociais necessários, (...)” Quanto às escolas, que seguramente são destruídas com os constantes bombardeios, deixando, evidentemente, crianças fora do sistema de ensino, elimina a aplicação do artigo 26º em que estabelece que “ Toda a pessoa tem direito à educação. (...)”

Os Estados Unidos são um país que proclamam como seus princípios:”democracia, autodeterminação, liberdade de expressão, liberdade de reunião e observância dos ditames do Direito Internacional”<sup>69</sup>, mas

“são muito difíceis, por exemplo, de justificar os trinta e quatro anos de ocupação da Margem Ocidental e da Faixa de Gaza – 140 colonatos israelitas e aproximadamente quatrocentos mil colonos que contam com o apoio e financiamento dos Estados Unidos.(...). E, em termos gerais, podemos dizer que de certo modo os Estados Unidos ignoram os seus próprios princípios mantendo esses regimes no poder e desinteressando-se efectivamente do grande número daqueles que vivem sob sua dominação.”<sup>70</sup>

Evidentemente que os Estados Unidos põe a frente os seus interesses políticos e económicos ao invés de salvaguardar a Declaração dos Direitos Humanos. Se assim não fosse, daria um tratamento mais plausível a um conflito que tem violado os direitos humanos, na medida em que priva um povo de usufruir de uma vida com dignidade e fraternidade. Isso acontece, principalmente, porque

“os governantes têm sido apoiados pelos Estados Unidos contra os desejos das populações. E, em termos gerais, podemos dizer que de certo modo os Estados Unidos ignoram os seus próprios princípios, mantendo esses regimes no poder e desinteressando-se efectivamente do grande número daqueles que vivem sob sua dominação.”<sup>71</sup>

Said avilta, inevitavelmente, sem receio algum todas as atitudes desumanas, causadas, por um lado, por Israel e, por outro, pelos Estados Unidos:

---

<sup>68</sup> SAID, 2003, p. 54

<sup>69</sup> SAID: 2004, p. 99

<sup>70</sup> Idem

<sup>71</sup> Ibidem

“É indiscutível que sofremos uma destruição enorme e terríveis perdas como sociedade e como povo. O recurso a todos os meios - a vaga crescente dos actos de guerra e de retaliação, a urgência de fazer justiça e de deitar a mão aos culpados vivos ou mortos, estes e outros termos que George Bush proclamou publicamente – sugere não os esforços destinados a levar alguém a responder perante a justiça de acordo com as normas do Direito Internacional, mas antes qualquer coisa de apocalíptico, qualquer coisa que é da mesma ordem da própria atrocidade criminosa que visa.”<sup>72</sup>

Said revela um espírito de justiça e humano ao não concordar com a maneira com que os palestinianos se auto - defendem de Israel, embora a sede de sobrevivência os obrigue a criar meios de defesa inaceitáveis do ponto de vista humano:

“(…), o acto de terror de um jovem de Gaza que vive nas mais atrozes condições – de sobrepopulação, pobreza, ignorância, fome, que na sua principal proporção, digamos a 90 por cento, são condições impostas por Israel por meio da sua ocupação e das suas políticas de cerco contra os palestinianos – e que reveste o seu corpo de dinamite, antes de se disparara si próprio contra uma massa de israelitas. Nunca desculpei esses gestos e nunca os aprovei, mas a verdade é que são pelos menos compreensíveis como resultado do desespero de um ser humano que se sente excluído da vida e de tudo o que a acompanha, os seus concidadãos, os outros palestinianos, os seus pais, irmãs, irmãos, todos eles feridos pela morte ou pela destruição, e que por isso que fazer alguma coisa, ripostar. Podemos compreendê-lo como o acto desesperado de uma mulher ou de um homem que tenta libertar-se daquilo que pensa serem condições injustamente impostas. Não é uma atitude que eu aprove, mas é pelo menos possível compreendê-la.”<sup>73</sup>

Sobre uma perspectiva da Palestina sobre o conflito com Israel, Said aborda, ainda, uma série de acontecimentos que em nada vão de encontro com a Declaração dos Direitos Humanos, ou seja, atropelam, sobremaneira, a essência da mesma. Explica que a crise que se vive na Palestina é

“Catastrófica. E deve-se quase inteiramente à ocupação israelita das cidades da Margem Ocidental. Gaza está como que encerrada por uma jaula gigantesca. As estradas que ligam as cidades entre si estão vedadas aos palestinianos. Contudo, existe um sistema completo de estradas reservadas aos colonos israelitas que se instalaram ilegalmente na Margem Ocidental e na Faixa de Gaza. Se contarmos com a zona oriental de Jerusalém ilegalmente ocupada, existem hoje mais de quatrocentos mil colonos. É-lhes permitido circularem armados. Os palestinianos, pelo seu lado, estão fundamentalmente confinados em suas casas durante longos períodos de recolher obrigatório. Este estado de recolher obrigatório permanente é interrompido por breves períodos, que lhes permitem sair e comprar alimentos.”<sup>74</sup>

---

<sup>72</sup> SAID: 2004, p. 102

<sup>73</sup> SAID: 2004, p. 105

<sup>74</sup> SAID: 2004, p. 121

Sem dúvida alguma que, de acordo com as narrações de Said, os palestinos não usufruem dos seus direitos tais como: direito à liberdade de expressão, direito à identidade, direito à educação, direito à livre circulação fora ou dentro do seu próprio território, direito à habitação, direito à assistência médica, enfim, são inúmeras as privações por que têm passado ao longo desses anos de conflito:

“Cada um dos passos da existência palestina, incluindo o ir para a escola ou para o trabalho ou ao mercado, é regulamentado pelos militares israelitas. Há os postos de controlo. Se você precisar de ir para o hospital, em caso de urgência, terá de esperar na bicha horas a fio. Há pessoas que morreram assim. As escolas fechadas são coisa de rotina. A Faixa de Gaza é uma prisão gigantesca, inteiramente cercada por três lados – o quarto lado é o mar – com uma vedação eléctrica. Os bombardeamentos, a demolição das casas, a destruição das superfícies cultivadas, a construção da vedação, que separa os moradores das aldeias das suas terras, a detenção de jovens, são outras tantas formas de humilhação e punição dos palestinianos.”<sup>75</sup>

Em suma, as humilhações a que os palestinianos são submetidos em nada se conjugam com o estabelecido pelas Nações unidas, no que toca aos artigos constantes da Declaração dos Direitos Humanos.

### **3.3- A Importância dos Intelectuais na Busca e Difusão da Verdade**

A necessidade de os intelectuais imporem as suas ideias e actuarem activamente diante das situações que vão ocorrendo em torno da sociedade sobressai, nos discursos de Said, como um apelo à consciência dos intelectuais, pois ele destaca que “Uma das tarefas do intelectual reside no esforço em derrubar os estereótipos e as categorias redutoras que tanto limitam o pensamento humano e a comunicação.”<sup>76</sup> Ou seja, torna-se premente a actuação dos intelectuais relativamente a situações de injustiças sociais, políticas, religiosas e económicas, impostas pelos que detêm o poder e que fazem crer ao mundo que as suas teses são as mais correctas. Entretanto, existe uma carência de intelectuais capazes de contradizer uma tese reproduzida erradamente, provavelmente com o receio de sofrerem alguma represália ou crítica por discordarem disto ou daquilo.

---

<sup>75</sup> SAID: 2004, p. 165

<sup>76</sup> SAID, 2005, p. 10

Por esse motivo, Said destaca ainda que “o principal papel do intelectual é a busca de uma relativa independência em face de tais pressões. (...) como um exilado e amador e autor de uma linguagem que tenta falar a verdade ao poder.”<sup>77</sup> Por exemplo, em “Orientalismo” Said procura desfazer teorias falsas sobre o Oriente, proferidas pelos ocidentais. Já foi referido que os orientais são considerados povos inferiores devido à sua cultura, religião, maneira de estar, etc. Por exemplo, aos próprios palestinos são-lhes atribuídos características redutoras de “violência, fanatismo, assassinato de judeus”<sup>78</sup>.

Por conseguinte, como intelectual que procura esclarecer o que está oculto, Said não poupa esforços para alertar que todas essas falsas teorias sobre o Oriente não passavam de meras invenções. Devido ao seu discurso rigoroso e autêntico, o seu activismo não agrada a todos, principalmente para quem se sente ultrajado com as suas afirmações. Por esse facto, atesta que “fui descrito no tom pomposo e dramático do *The Sunday Telegraph*<sup>79</sup> como antiocidental, e meus escritos, centrados em «culpar o Ocidente» por todos os males do mundo, principalmente do Terceiro Mundo.”<sup>80</sup> Confirma-se, aqui, que, em qualquer parte do mundo, os intelectuais devem contar com as armaduras e o terrorismo de quem não suporta ouvir as suas verdades e os seus actos bárbaros contestados por pessoas que se mostram interessadas em defender o mundo de falsas ideologias que, por sua vez, provocam desequilíbrios sociais assustadores.

Para Said, o intelectual deve despir-se de qualquer ideologia ou interesse político, pois são “figuras cujo desempenho público não pode ser previsto nem forçado a enquadrar-se num slogan, numa linha partidária ortodoxa ou num dogma rígido.”<sup>81</sup> Acrescenta que “os padrões de verdade sobre a miséria humana e a opressão deveriam ser mantidos, apesar da filiação partidária do intelectual enquanto indivíduo, das origens e de lealdades ancestrais.”<sup>82</sup> Infelizmente, essa característica não é encarada por muitos intelectuais afiliados a esse ou aquele partido. Embora muitos discordem das políticas adoptadas pelos seus partidos, não se sentem encorajados de os enfrentar com receio de serem postos de parte e perderem espaço dentro do partido e da sociedade. Ao contrário

---

<sup>77</sup> SAID, 2005, p. 15

<sup>78</sup> SAID, 2005, p. 11

<sup>79</sup> *The Sunday Telegraph* é um jornal britânico fundado em 1961, visto como um jornal de direita no aspecto político

<sup>80</sup> SAID, 2005, p. 11

<sup>81</sup> SAID, 2005, p. 12

<sup>82</sup> SAID, 2005, p. 12

dessa limitação por parte de alguns intelectuais, Said realça que “pessoas bem relacionadas promovem interesses particulares, mas são os intelectuais que deveriam questionar o nacionalismo patriótico, o pensamento corporativo e um sentido de privilégio de classe, raça ou sexo.”<sup>83</sup>

Os intelectuais que se prezam em observar a realidade objectiva, devem questionar sobre todos os acontecimentos que põem em causa a dignidade humana, mesmo que corram o perigo de serem marginalizados. Nessas circunstâncias, ao invés de haver produção intelectual, haverá, segundo Said, “a intolerância e o medo, em vez da busca do conhecimento e do sentido de comunidade.”<sup>84</sup> Said reconhece que o papel do intelectual, como um activista que luta para que haja mudanças, a fim de transformar um ambiente degradante em um ambiente propício ao bem-estar, está sujeito a inúmeras limitações:

“ Ao sublinhar o papel do intelectual como um *outsider* tenho tido em mente quão impotentes nos sentimos tantas vezes diante de uma rede esmagadoramente poderosa de autoridades sociais – os meios de comunicação, os governos, as corporações etc- que afastam as possibilidades de realizar qualquer mudança.”<sup>85</sup>

Evidentemente que em qualquer parte do mundo, os intelectuais orgânicos<sup>86</sup> preocupados em mudar e/ou melhorar o curso da história, empolgados na busca do conhecimento e da verdade, sentem a necessidade de enfrentar o sistema político do país do qual fazem parte. Normalmente, muitos desses sistemas, por mais que se denominem por democráticos, não compactuam, ou seja, ainda não aceitam de ânimo leve o percurso activista de muitos intelectuais. Por exemplo, Said foi muitas vezes marginalizado no próprio Estados Unidos, país onde passou a viver, depois de 1948: “ (...) há uma forma de censura nos Estados Unidos, que consiste na marginalização de alguém que se torna objecto. Não nos é permitido aparecer nos principais órgãos de comunicação.”<sup>87</sup>

---

<sup>83</sup> SAID, 2005,p. 13

<sup>84</sup> SAID, 2005,p. 43

<sup>85</sup> SAID, 2005, p. 16

<sup>86</sup> Segundo Said, Gramsci diferenciava dois tipos de intelectuais: os intelectuais tradicionais, que continuam a fazer a mesma coisa, geração após geração, e os intelectuais orgânicos que estão activamente envolvidos na sociedade, lutam constantemente para mudar mentalidades.

<sup>87</sup> SAID, 2003, p. 14

Contudo, Said enaltece que “Os verdadeiros intelectuais nunca são tão eles mesmos como quando, movidos pela paixão metafísica e princípios desinteressados de justiça e verdade, denunciam a corrupção, defendem os fracos, desafiam a autoridade imperfeita ou opressora.”<sup>88</sup>

Esta visão de Said aproxima-se ao que Karl Mannheim<sup>89</sup>, quando se refere à dissipação de sentimentos de ansiedade, onde afirma que

“O homem que se sente cada vez mais seguro de si, que encontra o seu caminho cada dia com mais clareza em geral na vida social tende a perder o sentimento de que está sujeito a ela, e chega a sentir que a imprevisibilidade da vida se submeteu ao seu controlo. Uma vez seguro na esfera social, sentir-se-á seguro na sua relação com «o mundo». «O mundo» é óbvio, é algo mais do que uma mera soma de interacções sociais; o homem, no entanto, vai usar o modelo orientação que o sirva no seu meio social como um modelo geral de orientação no mundo. O modo como um homem reagiu e reage ao mundo e a si mesmo pode ser largamente adivinhado a partir do conhecimento de como ele se sente seguramente ancorado, protegido, abrigado, ou antes isolado e ameaçado no seu meio social. Os sentimentos de ansiedade, de medo, de ameaças externas e um sentido de impotência face às insondáveis profundidades da personalidade de alguém desaparecem à medida que o homem é bem sucedido na descoberta do seu caminho nas relações calculáveis da vida profunda e social.”

O próprio Said mostra nas suas experiências que um intelectual dinâmico é aquele que busca o conhecimento, baseado nas verdades, muitas vezes escondidas, deturpadas, e põe-no à mercê do público. Contudo, mesmo que esse conhecimento incomode a sensibilidade de uns e outros, ele não se deixa intimidar, ainda que sofra na pele represálias e corra o risco de ser posto de parte devido à sua coragem de enfrentar o que muitos intelectuais, e não só, não enfrentariam por receio de serem vítimas de represálias.

Nos dias actuais, o mundo está profundamente globalizado, de modo que seria quase impossível desassociar outros povos, outras nações dos problemas que afligem toda uma estrutura global. Isto significa que quando um intelectual defende uma causa no seu território não se deve esquecer que em outras partes do mundo existem pessoas que passam pelas mesmas necessidades de defesa contra todo o tipo de injustiças. Nesse sentido, o intelectual precisa colocar as suas teses, teorias a favor, não só dos seus

---

<sup>88</sup> SAID, 2005, p. 21

<sup>89</sup> In Sociologia do Conhecimento, Vol. II, p. 87

concidadãos, mas também a favor das realidades de outros povos, países. Sobre esse aspecto, Said aponta o seguinte:

“Isso nunca pode ser feito afirmando-se simplesmente a preferência pelo que já é nosso: discursos ufanistas sobre as glórias da “nossa” cultura ou os triunfos da “nossa” história não são dignos da energia do intelectual, especialmente nos dias de hoje, quando tantas sociedades são compostas de diferentes raças e histórias, de modo a resistirem a qualquer fórmula reducionista. (...), mas o significado de uma intervenção efectiva desse domínio deve residir na convicção inabalável do intelectual num conceito de justiça e no respeito à igualdade de direitos que admitam as diferenças entre nações e indivíduos, sem, ao mesmo tempo, atribuir-lhes hierarquias, preferências e avaliações dissimuladas.”<sup>90</sup>

Aqui, o sentido de universalismo do intelectual casa-se com a verdade, com a busca do conhecimento e com a audácia para enfrentar sistemas de conhecimento definitivamente corporativos, criados para ludibriar as sociedades governadas por aqueles que se auto-intitulam detentores da verdade. O intelectual torna-se a força motriz para mostrar ao mundo mudanças que possam proporcionar um ambiente saudável para o bem-estar de todos e “induzir uma mudança no clima moral, em que a agressão seja vista como tal, a punição injusta de povos ou indivíduos seja prevenida ou evitada, o reconhecimento de liberdades e direitos democráticos seja estabelecido como norma para todos e não injustamente, para um punhado de eleitos.”<sup>91</sup>

Ao defender os mais fracos, o intelectual tem que necessariamente enfrentar o poder, uma vez que todas as desproporcionalidades ao nível social, político e económico são provocados, impreterivelmente, pelas pessoas que governam e dirigem um país, uma nação ou um povo. Um intelectual é movido pela razão que alimenta o conhecimento. Posto isto, “quanto mais o desenvolvimento da razão do homem provoca um crescimento da auto-confiança e um domínio da vida, maiores são as oportunidades de um indivíduo tomar mais responsabilidades.”<sup>92</sup>

“ (...) um dever especial do intelectual é criticar os poderes constituídos e autorizados da nossa sociedade, que são responsáveis pelos seus cidadãos, particularmente quando esses poderes são exercidos numa guerra manifestamente

---

<sup>90</sup> SAID, 2005, p.97

<sup>91</sup> SAID, 2005, p. 102

<sup>92</sup> MANNHEIM, s/d, p. 88

desproporcional e imoral, ou então programas deliberados de discriminação, repressão e crueldade colectiva.”<sup>93</sup>

Contudo, para chegar a um nível de contestação ao poder, será imprescindível que o intelectual tenha argumentos válidos, ou seja, ele tem de saber o que realmente está a contestar apoiando-se em conhecimentos devidamente esclarecedores e convincentes. O próprio Said enaltece que

“ o objectivo de falar a verdade, sobretudo numa sociedade massificada e tão burocratizada que nem a nossa, é fazer uma análise mais profunda do estado das coisas, relacionando-a com mais rigor a um conjunto de princípios morais – paz, reconciliação, diminuição do sofrimento – e aplicada aos factos conhecidos.”<sup>94</sup>

A análise profunda das coisas perpassa pela busca de um conjunto de documentos, pesquisa e investigação. Na realização dos seus discursos, o intelectual deve ter em conta que para contestar argumentos redutores terá de recorrer a um conjunto de informações predispostas cientificamente, que irão suportar tudo o que disser ou escrever sobre determinado assunto, <sup>95</sup>pois só desse modo conseguirá “promover a liberdade humana e o conhecimento”<sup>96</sup> e “derrubar os estereótipos e as categorias redutoras que tanto limitam o pensamento humano e a comunicação.”<sup>97</sup>

O papel do intelectual oferece muita instabilidade social e moral ao próprio intelectual, como já foi referido anteriormente. Os frutos das suas actividades não são muito atractivos: sofrem bastantes represálias por parte de quem detém o poder e se sente prejudicado com tamanhas verdades. Pois “os governos continuam a oprimir abertamente as pessoas, graves erros judiciários ainda acontecem, a cooptação e inclusão de intelectuais pelo poder ainda continuam a calar a sua voz e o desvio dos intelectuais da sua vocação é ainda, muitas vezes, uma realidade.” Por esse motivo, Said estabelece uma diferença entre o intelectual amador e o profissional. Para ele, todo o intelectual deveria ser um amador, na medida em que está comprometido com a sociedade e é “capaz de falar a verdade ao poder, um individuo ríspido, eloquente, fantasticamente corajoso e revoltado, para quem nenhum poder do mundo é demasiado

---

<sup>93</sup> SAID, 2005, p. 100

<sup>94</sup> SAID, 2005,p. 102

<sup>95</sup> SAID, 2005,p. 31

<sup>96</sup> SAID, 2005,p. 25

<sup>97</sup> SAID, 2005,p. 10

grande e imponente para ser criticado e questionado de forma incisiva”<sup>98</sup> e, sofrendo por isso, uma série de restrições. Essas restrições estão entranhadas na sua consciência, mas o espírito amador impede-o de desistir de uma causa justa, pois Said afirma que

“as representações do intelectual, suas articulações por uma causa ou ideia diante da sociedade, não têm como intenção básica fortalecer o ego ou exaltar uma posição social. Tampouco têm como principal objectivo servir a burocracias poderosas e padrões generosos. As representações intelectuais são a actividade em si, dependentes de um estado de consciência que é céptica, comprometida e incansavelmente devotada à investigação racional e ao juízo moral; e isso expõe o indivíduo e coloca-o em risco.”<sup>99</sup>

O intelectual comprometido almeja mudanças com as suas intervenções, sejam elas apresentadas escritas ou oralmente. A sua actuação consiste, evidentemente, em proporcionar um ambiente de reflexão do que é hoje para perspectivar um amanhã diferente, melhor, sem nunca perder o foco da sua luta. Karl Mannheim<sup>100</sup> evoca que

“ A atitude de «não se importar com o amanhã» que é igualmente uma característica dos vagabundos, dos boémios e dos monges mendicantes, e que os distingue do homem que procura o sucesso, oculta uma vida em que há pouca claridade e muita escuridão e nevoeiro impenetrável. Preta é a vida do que não se importa com o amanhã, porque a área central do eu permanece irracional e nada pode ser expresso em termos objectivos; o mundo só se manifesta através de impressões vagas, ‘«atmosféricas».”

A maior parte dos intelectuais não se comprazem em desmistificar a realidade que os circunda, mesmo se dando por conta de que algo não está bem e que precisa de uma análise, reflexão e intervenção prática a fim de ocasionar mudanças que satisfaçam todas as camadas numa determinada sociedade. Por esse motivo, os intelectuais são diferenciados em três perspectivas:

“Há intelectuais que são animados pela *libido sciendi*. Guiam-se por um objectivo principal: criar saber, moldar grelhas eficazes de explicação dos fenómenos sociais políticos e económicos. Dirigem-se a uma «comunidade científica» cujos membros se supõem fundamentalmente movidos pela *libido sciendi*. Outros são militantes, directa ou indirectamente: conforme são filiados em movimentos sociais ou políticos, ou visam tão só com os seus escritos, defender, legitimar este ou aquele movimento social ou político. (...) obedecem principalmente a uma ética de convicção. Outros intelectuais procuram antes

---

<sup>98</sup> SAID, 2005, p. 23

<sup>99</sup> SAID: 2005, p. 33

<sup>100</sup> In Sociologia do Conhecimento, Vol. II, p. 88

maximizar a sua visibilidade. O que lhes interessa acima de tudo é «passar na TV».”<sup>101</sup>

Para concluir, não restam dúvidas de que “o papel do intelectual é um papel de oposição”<sup>102</sup> em que a “capacidade de examinar, de julgar, de criticar e de escolher, e devolve ao indivíduo a iniciativa da escolha e da acção.”<sup>103</sup>

---

<sup>101</sup> BOUDON: 2004, p. 46

<sup>102</sup> SAID: 2004, p. 94

<sup>103</sup> SAID: 2004, p. 95

## Capítulo IV – À Semelhança de Edward W. Said

Neste capítulo, far-se-á uma abordagem sobre dois intelectuais africanos cujos ideais se assemelham aos de Edward W. Said. Trata-se de Pepetela e de Mia Couto, de nacionalidades Angolana e Moçambicana, respectivamente. Embora sejam provenientes de ambientes completamente diferentes ao de Said, o seu foco intelectual também se direcciona a um nacionalismo, ou seja, a aspectos que enaltecem e valorizam o bem-estar social, político, económico e cultural dos seus irmãos africanos.

Para o estudo comparativo entre os trabalhos destes intelectuais e o de Said, recorrer-se-ão às obras literárias dos mesmos, onde está estampado a sua análise crítica face às anomalias sociais consequentes da má política governamental imposta aos cidadãos dos seus países. De salientar que Pepetela e Mia Couto, ao contrário de Said, não são activistas dos direitos humanos, apesar de mostrarem um espírito crítico humanista ao ansiarem ver diferente a sociedade em que estão inseridos, através da literatura e algumas intervenções de fórum académico.

Por outro lado, ver-se-á, também, no presente capítulo o ponto de vista de alguns intelectuais face ao activismo e aos trabalhos de Said. Esses intelectuais compadeceram-se com a causa palestiniana, após terem tido contacto com os argumentos convincentes de Said quanto à injustiça manifestada pelos israelitas diante do povo palestiniano.

### 4.1- Pepetela

Pepetela é o pseudónimo literário de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos. Autor de variadíssimas obras, cujos conteúdos são de natureza histórica, social e política, Pepetela expõe meticulosamente todos os pormenores da vida quotidiana da sua terra, desde os mais simples aos mais complexos, com ficção à mistura, mas sem perder a essência do real enredo histórico. À semelhança de Said, também esteve envolvido em questões políticas durante um determinado tempo. Teve um percurso não muito distante ao de Said, embora inseridos em ambientes políticos diferentes:

“Vem para Lisboa em 1958 e ingressa no Instituto Superior Técnico para frequentar um curso em Engenharia que o ocupa até 1960. No ano seguinte, tem lugar em Luanda e revolta que está na origem da guerra colonial. Torna-se militante do MPLA em 1963. Entre 1960 e 1970, frequenta a Casa dos Estudantes do Império, lugar de partilha e de consolidação dos ideais revolucionários que

inspiraram a independência das colónias portuguesas. Esteve exilado em França e Argélia, antes de 1974. Chegou a ser guerrilheiro nos tempos da guerra colonial, pertencendo às fileiras do MPLA. Depois da independência, ocorrida em 1975, foi político e membro da Comissão Directiva da União dos escritores Angolanos e professor universitário em Angola."<sup>104</sup>

Denota-se haver um certo paralelismo entre a caminhada de vida dos dois autores. Tal como Said, Pepetela, também foi obrigado a exilar-se, como consequência do seu envolvimento em questões de índole política, embora Said tenha sido obrigado a exilar-se por questões políticas mas subjacentes à ocupação ilegal da Palestina pelos Israelitas e não pelo seu envolvimento directo em questões políticas, na época. Outros factores de analogia têm a ver com a sua formação, feita longe das suas terras natal, bem como o facto de os dois terem se tornado professores universitários e dotados de uma capacidade de transformarem os seus conhecimentos em livros, ou seja, os dois expõem, a partir da escrita, a realidade objectiva do meio em que estão inseridos.

“**Os Predadores**” foi obra de Pepetela escolhida para a análise nesta dissertação. Para melhor se compreender a essência desta obra, antes, um resumo global da mesma será necessário, passando por uma observação sociológica.

Pretende-se mostrar como Pepetela apresenta com realismo a atitude dos líderes do movimento que se aproveitaram da instabilidade política que se vivia no período pós independência para enriquecerem vertiginosamente, sempre em detrimento das massas.

Nesta obra, a construção de uma nação é vista através de uma trama apresentada de acordo com três momentos cruciais da história de Angola:

O primeiro foca a fase da pré-independência, mais especificamente o ano de 1974, período que coincide com a chegada de Caposso a Luanda, vindo de Cuanza-Sul, sua terra natal. É marcado também pela expectativa dos angolanos em face da independência que se avizinhava (manifestações populares, comícios cheios de promessas de mudança, enfim... a concretização do sonho há muito esperado).

O segundo remete à Independência e pós independência (1975 a 1990), caracterizada pela efectivação do sonho seguida da desilusão dos angolanos: a fome, a corrupção, as bichas, as traições, etc.

---

<sup>104</sup> CABRAL, 2010, p. 169

O período que se inicia com as eleições, até o ano de 2004, marca o terceiro momento descrito por Pepetela. Este período caracterizou-se pelo multipartidarismo, pela economia do mercado, o surgimento de jornais privados (diferente de liberdade de imprensa ou de expressão), o enriquecimento vertiginoso de uma minoria, às lutas pelo poder e abuso do poder... mostrados com bastante realismo em *Os Predadores* que estão sempre à espera da presa para os destruir.

#### **4.1.1- Os Predadores**

##### **4.1.1.1 – Resumo da Obra**

Vladmiro Caposso, uma importante figura do País, assassinou Maria Madalena, sua amante, depois de ter descoberto que esta o andava a trair. Aproveitou-se do ambiente de euforia que se vivia nas ruas de Luanda. O país vivia os momentos derradeiros da campanha para as primeiras eleições em Angola. Com o móbil de desviar o curso de uma possível investigação, escreveu um bilhete em nome da UNITA, deixando transparecer um crime de natureza política.

Chegado à sua empresa, percebeu que estava mais ligado à amante que à própria família, à exceção de Mireille, sua filha mais nova e único membro da família por quem tinha afecto. Era aguardado por Nunes, alto funcionário de um banco do estado, que facilitava transferências de valores avultados para bancos secretos no exterior e tinha com dividendos vinte de percentagem de cada operação, para tratarem dos pormenores da sobre a ida de sua família para Portugal, à semelhança de outros dirigentes que prevêm a possibilidade de uma nova guerra caso o processo eleitoral fracasse ou a oposição venha a vencer. Caposso alegou a sua não saída da terra por amor à pátria, inculcado por Maria Madalena, numa altura em que o mesmo convencia sua amante a partir, igualmente, para Portugal protegendo-a também das previsíveis consequências dos resultados das eleições, caso não fosse o esperado. Ele não saía do país devido não só ao sentimento nacionalista inculcado por Maria Madalena, mas também por estar cá para o que “der e vier.”

Com a desintegração das Fapla, resultante dos resultados dos acordos de paz, foram criadas várias empresas de segurança, das quais Caposso contratou uma devido ao clima de instabilidade que se vivia em Luanda.

Caposso torcia pelo partido no poder, partido que o enriqueceu e prometia torná-lo mais rico caso vencesse as eleições. Ia para casa a pensar nisso quando viu Nacib como que a fugir de si.

Nacib, nome dado por ter nascido no momento em que foi para o ar a primeira telenovela em Angola, residia no Catambor, um pequeno musseque próximo de um dos bairros mais nobres de Luanda, habitado por angolanos ligados ao governo, por pessoas que enriqueceram, por embaixadores e por estrangeiros. O Alvalade. Estava ali para se despedir de Meirelle que viajava no dia seguinte. Nacib estava entre os melhores alunos da escola e andava no ensino médio de mecânica, sonhava ser engenheiro, embora o pai o desencorajasse. Bernardo Domingos, carpinteiro, esperava que o filho fosse seu substituto. Nacib, era, entretanto, apoiado pela mãe, Celestina das Dores, que acreditava na realização do sonho do filho. Aprendiz de mecânica, na oficina do senhor Mateus, por vontade própria para ganhar experiência.

Em 1974, com 20 anos, Caposso chegou a Luanda com o seu pai, que nunca se interessou por política. Influenciado por Sebastião, seu amigo, dirigiram-se à Vila Alice, na delegação do MPLA para se alistarem nas Fapla. Anteriormente, Sebastião negava-se enquadrar na tropa colonial, não aconteceu graças ao golpe de estado em Portugal. Foi separado da mãe aos 8 anos, acusada de feiticeira pelo próprio marido que era enfermeiro. Antes de se estabelecerem em Luanda viveram nas mais variadas regiões da província do Kuanza-Sul. Com a morte do pai, Sebastião Lopes arranhou-lhe um emprego como ajudante no comércio do senhor Amílcar, com direito a comida e lugar para dormir. Nem o Programa clandestino Angola Combatentes ido para o ar às 19 horas despertou o seu interesse por política. Sebastião tentou ainda, em vão, fazer com que fosse trabalhar como operário e tornar-se um membro do proletariado. Em 1975, na véspera da proclamação da independência, senhor Amílcar ofereceu a sua cantina a Caposso. Ia abandonar o país, assim como muitos portugueses e angolanos por adivinharem um futuro incerto para Angola. No dia onze de Novembro homens, mulheres, velhos e crianças aglomeraram-se no Largo 1º de Maio para assistiram à proclamação da independência. Caposso comemorou-a na loja, acto visto como uma afronta para uns, mas patriótico para outros. Percebeu que começou a fazer política no momento que justificava a abertura da sua loja nesse dia. Aproveitando a chegada de Sebastião da frente de batalha, e com o qual teve uma discussão política, já defendiam ideais diferentes. Inscreveu-se no movimento, sobretudo para a obtenção do cartão de

membro com vista a conseguir as coisas com mais facilidade, pois os momentos que se seguiram a independência tornaram-se difíceis na aquisição de mercadoria para a loja. Nessa altura cria a sua nova identidade: de José Caposso natural do Kuanza Sul para Vladmiro Caposso, natural de Catete – terra de Agostinho Neto, acreditando que seria mais bem aceite na sociedade.

Com o primeiro momento de crise, pôs independência, a loja ficou sem produtos para comercializar, passou a membro do movimento e é incorporado num grupo de acção do bairro que em nada apoiava na minimização das dificuldades. Pensou mesmo em fechar a loja, pois além do prejuízo, vai-se obrigado a pagar impostos (não havia quem desse continuidade à actividade comercial dos colonos: a falta de transporte impedia o escoamento dos produtos agrícolas, além do não reconhecimento da independência pela comunidade internacional).

Não conhecendo ninguém influente no movimento para lhe facilitar a legalização da loja, acaba por a fechar.

Valeu-lhe a história por ele inventada sobre a sua família, pois por meio do Senhor Ismael Andrade conseguiu emprego no Ministério da Educação, como motorista do director. Para tal foi-lhe passado um certificado falso, tratou do BI e tirou carta de condução, oficializando o seu novo nome: Vladmiro Caposso. Empolgado com a sua nova vida, não se apercebeu do rumo que as coisas iam tomando dentro do movimento até se dar o 27 de Maio de 1977. Soube que Sebastião estava preso por distribuir panfletos incriminatórios do MPLA.

Vivia-se um clima de desconfiança, mesmo no seio dos grupos de acção, que foram extintos na realização do 1º Congresso do Partido, dando lugar as células. Passou-se o processo de rectificação com vista a verificar quem pertencia realmente ao partido. Caposso foi encaminhado para a juventude do partido (Jota), cuja função era organizar eventos visando o entretenimento dos jovens, dando nova dinâmica à sua vida. Recusou o convite do seu director para dirigir o desporto escolar, acreditando ser o futebol o ponto de partida para mundos desconhecidos. Com Bebiana grávida, trabalha clandestinamente com taxista usando o carro do serviço, pois tinha de arranjar a casa que depois registou em seu nome.

Na véspera do nascimento de sua filha, descobriu que o grande revolucionário Antunes, seu sogro, tinha negado que era católico no processo de rectificação.

Em 2004, Sebastião Lopes foi convidado por Bernardino Chipengula, seu companheiro de prisão, para prestar apoio jurídico uma ONG que ele dirigia na província da Huíla, no sentido de intentar uma acção contra Vladmido Caposso, proprietário de uma fazenda que vedara o caminho usado pela população para alimentar e dar de beber o gado que por isso estava a morrer, enquanto VC construiu uma represa e um lago artificial, secando o rio. A tentativa de se arranjar solução a nível local não vingou, porque o administrador tinha medo de enfrentar Caposso e perder o cargo. O caso seria encaminhado ao tribunal e à empresa.

Em 1998, através do jogo de influências, VC conseguiu adiamento, reservado aos estudantes que tinham bom aproveitamento escolar, evitando a incorporação do filho, Ivan, jovem que não gostava de estudar e só criava problemas, nas Forças Armadas. Não concordava com a ideia de o filho ir estudar para o exterior. Conseguiu, por meio de influência, uma bolsa de estudos do governo, para a filha mais velha.

Intimado pela Polícia a dar esclarecimentos sobre um atropelamento mortal feito por uma das viaturas de sua empresa, e que o utente se pôs em fuga, Vladmiro entra em contacto, antes de se dirigir à polícia, com Ministro do Interior que o aconselha a atender o agente. Ficou Vladmiro a saber que o carro pertencia à empresa do Maculusso e que tinha sido conduzido Ivan e levou-o para prestar declarações. O ministro não se quis meter, devido às consequências que poderiam advir daí. Aconselhando-o a seguir os trâmites. A vítima era Simão Kapiangala, ex militar das Fapla, mutilado em consequência de uma mina, dependendo de ajudas lá para os lados do Alto das Cruzes. Dada a natureza do acidente, Ivan passou a noite na prisão, apesar de o pai ter implorado ao inspector que o soltasse.

Subornando a polícia, o filho foi solto e decidiu mandá-lo para o estrangeiro, evitando mais aborrecimentos. Tinha de fazer Ivan seu Sócio, e subornar alguém na Procuradoria, pois o filho estava em liberdade condicional.

As ausências constantes de Caposso à hora do Jantar entristeciam Mireille, porque indiciava um outro relacionamento o qual não fazia questão de esconder.

Refugiando-se no seu quarto depois de uma discussão sobre o pai com o irmão, pensou em Nacib.

Em 2003, Nacib formou-se em engenharia mecânica, sem, no entanto, deixar de trabalhar com o Sô Mateus que, aconselhado pelo Sô Germano, passou a dar uma ajuda ao menino. O pai achava o ganho insuficiente, sugerindo que arranjasse um emprego que lhe pagasse mais. Tal não era possível por causa da conciliação com os estudos.

Numa discussão entre o casal, o padrinho comprometeu-se a um acrescentamento ao que Nacib auferia, para ajudar nas despesas de casa. Nacib teve direito a vários adiamentos por ser um bom estudante. Foi-lhe oferecido um emprego numa petrolífera, que lhe valeu uma especialização nos Estados Unidos. Lá, em companhia de Susan Dean, visitaram vários lugares, entre eles o Vale da Napa, onde se tornaram íntimos. Conheceu Osmar, que, para sua surpresa, viria a Angola trabalhar para Vladmiro Caposso.

Mireille andava dividida, se ia ou não a Paris, se fazia ou não o Gestão de Empresas, já que o pai contava com ela para dar continuidade às empresas, até que chega Nacib dando-lhe a notícia de que tinha entrado na universidade, em Luanda. Nessa altura estavam cada vez mais próximos, o que tornava mais difícil a ida de Mireille. Até que numa conversa com o pai conseguiu teve coragem e disse que se formaria em História da Arte, como era seu desejo, deixando-o totalmente transtornado.

A participação de VC no congresso do MPLA, como membro do Comité Central da Jota foi a maior oportunidade da sua vida, pois foi trabalhar para a Secretaria de Estado dos Desportos, no Gabinete do Intercâmbio, permitindo-se viajar pelos mais variados motivos ligados ao desporto, aproveitando os dinheiros da ajuda de custos, já que todas as despesas ficavam a cargo do Estado. Durante este tempo conheceu Faustino, personagem chave da Secretaria de Estado que lhe propôs a realização de um torneio internacional com vista a engrandecer o nome do país. Como resultado teriam uma comissão muito boa. Os dirigentes aprovaram a proposta e a actividade foi um sucesso. Daí por diante os dois amigos foram promovendo outras actividades em nome do país e engordando as contas bancárias pessoais.

Pôs dois autocarros no processo, arranjanado uma fonte segura de rendimentos. Em 1985, Caposso tinha já uma frota de dez carros registados em seu nome e no dos membros da família. Perto do congresso do Comité Central, recebeu em seu gabinete,

uma alta figura do país que lhe propôs que confirmasse, uma acusação a ser feita pelos membros do CC, de modo a acabarem com a carreira política dele. Com gratificação seria indicado para o CC. E assim o fez, só que foi enganado, sem reconhecimento, sem lugar no CC. e ameaçado a ser denunciado pelo negócio do processo de candongueiro. Soube depois que o camarada por si acusado era de boa índole. Por vergonha dos seus compatriotas demitiu-se do cargo da Jota, alegando cansaço e pessoais e assumiu-se como empresário. O seu amigo tinha razão, Caposso era um pequeno-burguês que se queria tornar num grande-burguês. Queria acumular fortuna para ser respeitado.

Em 1991 conheceu o empresário paquistanês, Karim, paquistanês, com quem estabeleceu o primeiro negócio, a abertura de um minimercado para venda de produtos alimentares. Isso aconteceu num momento de paz, resultante da assinatura dos acordos entre os dois partidos beligerantes, razão por que os cidadãos acreditavam em dias melhores. Entre outros negócios, Kaposso associou-se a Desiré, com quem passou a comercializar armas para países africanos. Os negócios iam tão bem que Kaposso comprou uma fazenda na Huíla, cuja vedação criou dificuldades aos agricultores, impedindo-os de levar o seu gado ao pasto. Kaposso não pagava os seguros da fazenda, nem os trabalhadores.

#### **4.1.1.2 – Análise da Obra**

A curiosidade de Caposso e Sebastião Lopes, amigos de longa data, atraiu-os para a Rua da Delegação, que estava bastante agitada. Tinham chegado os guerrilheiros e a representação do movimento tinha sido instalada ali. Depois do comício do camarada Lúcio Lara, onde anunciava a Independência e prometia o poder ao povo, isto é, a instauração do Socialismo, ideais defendidos pelos Filósofos alemães Karl Marx e Frederich Engels que promovem a igualdade e justiça social entre os angolanos, rumaram para a delegação, porque haveria um jantar. Essas promessas que encheram os angolanos de sonhos e esperanças de um amanhã mais justo. Um ano depois da Independência, os angolanos viram o seu sonho a ser destruído, já que acreditara que, como desabafa o nosso protagonista, *“julguei que depois da independência a vida ia ficar mais fácil”*. A forte oposição entre o sonho de um país livre, sem diferenças sociais e a nova realidade deu origem ao desencantamento. O povo passou a viver situações inesperadas, a começar pelo próprio Caposso, pequeno comerciante que teve

de fechar a sua loja por falta de mantimentos, depois de uma das suas freguesas Nga Maria lhe ter atirado à cara “*não sei prá quê tens isto aberto, se é para vender bombo, também aparece no mercado,*” além de ter de pagar impostos.

É muito provável que esta vivência política se devesse ao facto de o partido no poder não ter criado estruturas de continuidade, pois tinham acreditado, cegamente, nas ideias utópicas de um mundo perfeito, que não é humano, como confirma o narrador “*mas a prática e não a vontade dos homens puxou o centro do poder para o centro*”, esquecendo-se de que os indígenas sempre foram os empregados e os colonizadores os patrões, portanto tinham de aprender a manusear as máquinas para o desenvolvimento da agricultura, os operários tinham de melhor conhecer as máquinas para o crescimento da indústria, e os barcos de pesca: “...as frotas de barcos tinham bazado com os donos para a Europa e para a África do Sul, as empresas de secagem e conservas estavam fechadas, e os pequenos barcos da pesca artesanal não chegavam para as encomendas.” Razão por que era uma luta para se comprar o peixe.

A destruição deste sonho deu lugar a sentimentos de revolta que resultaram na opressão dos jovens, com aconteceu com Sebastião que se insurgiu contra o regime e foi preso por “*estar a distribuir panfletos subversivos aos soldados, que demonstravam a pouca consistência das promessas dos socialistas do MPLA*” centrado na construção de um país ideal.

Ao invés disso foi-se formando uma sociedade corrupta, onde só se resolviam os problemas por meio da famosa “gasosa”, por jogo de influências, como abordaremos mais adiante. Foi-se criando igualmente uma sociedade autoritária, individualista em todos os campos da vida social, onde o dinheiro determinava as regras de convivência na sociedade.

Como era a realidade do jovem casal, Nacib, menino do musseque, filho de carpinteiro, e aluno brilhante e de Mireille, menina do Alvalade, e filha do poderoso VC, separados por duas realidades sociais antagónicas: “musseque contra a cidade”.

A diferença é que nessa trama Nacib representa o herói das massas, o rapaz do Musseque que acredita na mudança, na construção da nação através de uma boa formação, do trabalho, que mostra que é possível a reposição dos valores sociais.

Ao contrário de Vladmiro Caposso que acredita que o conceito de nação gira em torno dos bens materiais de si e de sua família.

## 4.2. – Mia Couto

António Emílio Leite Couto, Mia Couto, é um dos mais conceituados intelectuais, escritor de Moçambique. À semelhança de Pepetela, granjeia dentro e fora do seu país grandíssima admiração pelos seus trabalhos. Ao contrário de Pepetela e Said, não teve nenhum envolvimento em questões políticas no seu país, mas não se deixa corromper pelos ditames da má governação que, por sua vez, põem em causa o bem-estar do povo moçambicano. Nas suas obras de ficção são retratadas aspectos da condição social, política, económica e cultural de uma forma peculiar:

“A marca singular da sua escrita advém do “falinventar” do português, uma nova maneira de falar que transpõe para a sua ficção e que comunica as contradições e a complexidade única da vida em Moçambique, após a independência registada em 1975. De facto, os seus livros dão um tratamento literário à fala popular moçambicana e captam bem o cruzamento de culturas e de destinos existentes no jovem país da actualidade.”<sup>105</sup>

Tal como Pepetela, um dos momentos que marca as suas obras foi o período antes de 1975, ano em que Moçambique também se tornou independente do jugo colonial. Mia Couto não deixa de retratar as circunstâncias atroztes por que passou o povo moçambicano: guerra, fome, exílio, humilhação, miséria.

*Terra Sonâmbula* é um dos livros de Mia Couto que espelha bem essa realidade. Composta por várias histórias, cada uma delas com o seu enredo, evidenciam algumas das situações mais críticas durante o período da guerra colonial em Moçambique.

Por exemplo, num dos contos desse livro *A Estrada Morta* vê-se mormente várias situações que se traduzem no desrespeito dos direitos humanos, consequência de uma guerra desencadeada devido à ambição de uns e a ânsia de liberdade de outros:

“Naquele lugar, a guerra tinha morto a estrada. Pelos caminhos só as hienas se arrastavam, focinhando entre cinzas e poeiras. A paisagem se mestiçara de tristezas nunca vistas, em cores que se pegavam à boca. Eram cores sujas, tão sujas que tinham perdido toda a leveza, esquecimento da ousadia de levantar asas pelo azul. Aqui o céu se tornara impossível. E os viventes se acostumaram ao chão, em resignada aprendizagem da morte.”<sup>106</sup>

---

<sup>105</sup> CABRAL, 2010,p. 321

<sup>106</sup> COUTO, 1996, p. 9

Nota-se, nesse trecho, uma descrição que Mia Couto realiza fruto de uma constatação que evidencia alguns horrores consequentes da guerra, que se traduzem num indelicado destino para o povo moçambicano. Mesmo ficcionando, Mia Couto estampa bem a realidade que caracterizava o sofrimento de um povo que não tinha outra opção senão enfrentar a morte.

Em *Terra Sonâmbula* existem muitas outras descrições de ambientes que comprovam o desrespeito pela vida humana. Muitas dessas descrições, que não deixaram de acontecer, ainda hoje são vividas por muitas sociedades africanas e não só:

“Depois os tiroteios foram chegando mais de perto e o sangue foi enchendo nossos medos. A guerra é uma cobra que usa os nossos próprios dentes para nos morder. Seu veneno circulava agora em todos os rios da nossa alma. De dia já não saímos, de noite não sonhávamos. O sonho é o olho da vida. Nós estávamos cegos.

Aos poucos, eu sentia a nossa família quebrar-se como um pote lançado ao chão. Ali onde eu sempre tinha encontrado o meu refúgio já não restava nada. Nós estávamos mais pobres que nunca.

Mesmo para nós que tínhamos bens, a vida se poentava miserenta. “107

“Inquiria sobre a refeição de Junhito. Mas sobras, que sobras podem haver de restos de migalhas? E, contudo, sobrava. Quem sabe nossas barrigas se torcessem de aperto: dos nadas de nossos pratos, afinal, sempre restava uma qualquer coisinha.”108

Várias descrições que remetem para um único ponto: violação dos direitos humanos. O medo provocado pela invasão dos tiroteios, a desagregação familiar, o refúgio, a fome e a miséria são marcas impregnadas na vida das pessoas que as carregam consigo durante muito tempo.

Mia Couto deixa transparecer o seu espírito nacionalista ao pintar os ambientes degradantes originados por uma guerra que não poupa os inocentes e os mais fracos.

---

<sup>107</sup> COUTO. 1996, p.17

<sup>108</sup> COUTO, 1996, p. 19

### **4.3. – Semelhanças entre o Pensamento de Said, de Pepetela e de Mia Couto**

De acordo com Raymond Boudon<sup>109</sup>, a crítica das sociedades existentes é uma função fundamental dos intelectuais; faz parte do seu papel identificar-lhes os defeitos e propor para estes os remédios que considerem adequados, ou seja, são produtores de ideias.

Como já foi descrito, existe uma relação entre os ideais de Pepetela e de Mia Couto com os de Said, relativamente ao modo como os três evidenciam criticamente nos seus pensamentos as distorções sociais provocadas por situações políticas vigentes nas suas terras de origem. Três intelectuais envolvidos na análise crítica das sociedades das quais pertencem.

Os três são imbuídos por um espírito nacionalista, quando retratam aspectos que desvalorizam o ser humano como pessoas que merecem um tratamento e uma atenção especial do lado dos que governam e deixam transparecer um inconformismo diante de tais situações. Said aprecia o nacionalismo como sendo “uma declaração de pertencer a um lugar, a um povo, a uma herança cultural”<sup>110</sup>, por isso, a preocupação em defender as suas convicções nos termos da justiça social.

De modo similar, eles representam o símbolo do respeito pelos direitos humanos, apresentando nos seus discursos a necessidade de se alcançar e estabelecer uma sociedade mais direccionada ao respeito pelos direitos humanos, ou seja, uma sociedade ideal e justa, longe da pobreza, miséria, exploração, e desigualdade social agonizante.

Viu-se em *Predadores* e em *Terra Sonâmbula*, não obstante serem duas obras ficcionais, mas que transmitem uma realidade que se viveu e ainda se vive, situações ligadas ao desrespeito pelos direitos humanos e a vontade de se restabelecer uma nação livre de realizações que de maneira nenhuma valorizam o ser humano e o seu bem-estar. Do mesmo modo que Said se sensibiliza com o seu povo irmão, Pepetela e Mia Couto

---

<sup>109</sup> Os Intelectuais e o Liberalismo, 2004, p. 10

<sup>110</sup> SAID: 2004, p. 49

também o fazem, embora em perspectivas de análise diferentes, pois “é necessário perceber que a produção das ideias pode ser fruto de diversos tipos de motivações.”<sup>111</sup>

Said foca as suas intervenções de uma forma bastante objectiva, enquanto Mia Couto e Pepetela misturam o realismo ao subjectivismo ao pronunciarem-se sobre as questões que afectam as suas sociedades. Contudo, os três, nos seus trabalhos, espelham algo em comum: um activismo intelectual a favor da igualdade de direitos entre todos os homens, baseado na investigação equitativa, ao que Said sugere ser “sobretudo um trabalho de universitários e de pessoas que se afastaram dos campos habituais da política (...), mas que goza m de certo relevo nas suas comunidades enquanto universitários e intelectuais<sup>112</sup>, detentores de uma consciência individual, porque

“A compreensão da humanidade não pode ter lugar a nível colectivo se não começar por ter lugar ao nível individual. A consciência individual é, no nosso tempo, bombardeada, senão anulada, por uma quantidade enorme de informação organizadamente empacotada, cujo objectivo principal é produzir uma espécie de passividade colectiva aquiescente e inquestionada.”<sup>113</sup>

Além dessa consciência individual, Said foca também a importância de um intelectual agir comprometidamente perante à realidade que o circunda; uma experiência sentida por ele:

“Quanto a mim, não consegui viver uma vida sem compromisso ou suspensa: não hesitei em declarar minha filiação a uma causa extremamente impopular. Por outro lado, sempre me reservei a ser crítico, até mesmo quando isso entrava em conflito com a solidariedade ou com o que os outros esperavam em nome da lealdade nacional.”<sup>114</sup>

#### **4.4. – Repercussão do Pensamento de Edward W. Said no Meio Intelectual e Académico**

O pensamento de Said tem despertado o interesse de muitos intelectuais e académicos voltados para as áreas das humanidades e não só. No entanto, existem ainda muitos académicos e intelectuais que desconhecem o percurso activista de Said.

---

<sup>111</sup> BOUDON: 2004, p. 46

<sup>112</sup> SAID: 2004, p. 21

<sup>113</sup> SAID: 2004, p. 94

<sup>114</sup> SAID: 2003, p. 312

Personagem, cujo projecto de vida é velar pela instauração de uma sociedade livre de opressões, miséria, desigualdades e injustiça social, deve ser estudado e mencionado para que os seus pensamentos promovam a mudança de mentalidades. Por esse motivo, os ideais de Said têm sido difundidos nas mais diversas formas: artigos, palestras em universidades e até mesmo em dissertações de mestrado, partindo da análise dos seus mediáticos livros publicados. Brasil é o país que mais absorve estudos sobre este autor, tendo traduzido algumas das suas obras para português:

“A recepção no Brasil da obra de Edward w. Said (1935- 2003), (...) é recente. Em 1990, a editora Companhia das Letras publicou *Orientalismo*, o seu livro mais polémico, e em 1995, *Cultura e Imperialismo*. Em seguida, vieram os seus ensaios *Reflexões Sobre o Exílio e Paralelos e Paradoxos*, em 2003, (...), *Representações do Intelectual*, em 2005, e em 2007, *Humanismo e Crítica Democrática*.”<sup>115</sup>

Dentre um conjunto de trabalhos elaborados sobre Said, destacam-se alguns artigos de professores e estudantes universitários. Marcos Costa Lima, num artigo mencionando os trabalhos de Said, expressa a sua consideração sobre o pensamento de Said ao retratar que

“Também recente é minha aproximação com sua obra. Em 2003, realizando meus pós-doutorado em Paris, tive contacto com um artigo seu publicado na revista *Carré Rouge*, uma homenagem quando de seu falecimento. A curiosidade aumentou após a leitura deste artigo, que tratava do conflito Israel-Palestina e em particular do assassinato de Raquel Corrie, jovem norte-americana que prestava serviços no International Solidarity Movement, uma ONG que organiza missões civis nos territórios ocupados e que perdeu a vida ao ajudar seres humanos sofridos em Gaza. Neste contexto, encontrei a defesa convicta da Palestina, a denúncia dos terrores praticados contra esse povo, mas sobretudo, uma busca pela justiça, o rechaço firme do terrorismo, o repúdio a uma solução militar.”<sup>116</sup>

A visibilidade dos horrores provocados pelos israelitas, demonstrado nos trabalhos de Said, começou já a despoletar a importância de se difundir a real situação da Palestina, embora “Em um mundo tão fragmentado com o nosso, tão exposto à intransigência e à violência, as palavras de Said beiravam a ingenuidade.”<sup>117</sup> Entretanto, a determinação de Said em transpor barreiras, preconceitos e levar a sua voz a todos os cantos do mundo, prestigiou o seu pensamento ao ser encarado por muitos, como uma

---

<sup>115</sup> Retirado do artigo Humanismo Democrático de Edward W. Said, elaborado por Marcos Costa Lima, professor do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Pernambuco.

<sup>116</sup> Idem

<sup>117</sup> Ibidem

reflexão corajosa: “Coragem de expor suas ideias, de optar pelo lado mais frágil e pelos que sofrem privação, de afrontar a sociedade norte-americana que é também a sua e, mais do que chamar-lhe à razão, apontar suas iniquidades.”<sup>118</sup>

Outra abordagem sobre um dos livros de Said, *Cultura e Imperialismo*, foi feita por Jesus Camargo. Ele faz uma análise sobre os ideais de Said concernentes ao comportamento dos israelitas diante dos palestinos, ou seja, a sobreposição do poder em relação a uma cultura que é depreciada. Camargo mostra como Said contorna os seus argumentos face à maneira como o povo oriental é visto e tratado pelos ocidentais e mostrar que existem fórmulas para desmistificar conceitos aleatórios.

Camargo testemunha que os horrores perpetuados pelos israelitas, justificados por uma causa justa, que é a implementação do Estado de Israel, podem ser desclassificados se se recorrer às fontes que podem exibir uma verdade que há muito anda escondida:

“Apesar de de los hechos, de la sangrienta realidad en Gaza y Cisjordania, de años yaños de colonización impune, de asentamientos, de demoliciones de casas, de asesinatos de niños y mujeres inocentes, del muro del apartheid,...a pesar de todo ello las posturas ideológicas se mantienen de forma horrenda y moralmente inaceptable, como si una democracia, en verdad falsa y llena de fisuras, hubiera florecido de la nada en un desierto para acoger a «un pueblo sin tierra». Cuando en realidad si uno se sumerge en las fuentes de los archivos ocultos por los sionistas, como han hecho brillantemente y de una forma absolutamente admirable, historiadores israelíes tales como Ilan Pappé, Benny Morris, o Avi Shlaim, se pueden descubrir una verdad escalofriante, es decir la cruel realidad de cómo se creó un Estado que pretendía convertirse en un error epistemológico en sí mismo: el «hogar nacional judío», anhelado por los sionistas. Estamos hablando de aquello que se deja en la sombra, es decir, de la limpieza étnica planificada y llevada a la práctica para lograr la proclamación de un Estado sionista, del soñado Eretz Israel. Una campaña deliberada para vaciar Palestina de árabes, con la intención de desarticular a toda una sociedad, masacrando aldeas enteras (Deir Yassin, Tantura...), y provocando la expulsión del 68% de los palestinos de la Palestina histórica: 750.000 palestinos se convirtieron en refugiados y exiliados y más de 250 aldeas árabe-palestinas se convirtieron a la fuerza en hebreas-israelíes.”<sup>119</sup>

Tal como Said, Camargo reconhece que as desculpas dos israelitas são infundadas, quando existem arquivos históricos que demonstram que as suas justificativas quanto à invasão de parte da Palestina não correspondem à verdade. A

---

<sup>118</sup> Ibidem

<sup>119</sup> CAMARGO, Astrolábio: Revista internacional de filosofía, Año 2008. Núm. 7. ISSN 1699-7549. 13-23 pp.

acção desencadeada por eles, provocou (e continua a provocar), injustamente, o crescimento de milhares de refugiados palestinianos. Adianta, ainda, que o objectivo dos israelitas é acabar com a população da Palestina, para mais facilmente poderem ocupar a terra pretendida.

Um outro intelectual apaixonado e interessado pelos ideais de Said revê-se na pessoa de Alarcon Agra do Ó<sup>120</sup>, no seu ensaio, no seu ensaio *Edward Said: Entre a crítica Literária e a Operação Historiográfica*, baseado numa das obras de Said, *Cultura e Imperialismo*, reconhece que

Said abriu com seu estudo várias possibilidades para o ofício do historiador. Não bastasse ter problematizado as relações entre oriente e ocidente, pela própria consideração de ambos os pólos dessa relação como tramas históricas, Said deu aos seus leitores várias lições metodológicas e éticas enlaçar política e cultura; recolocar as questões do imperialismo; desconfiar de hierarquias entre as fontes; pensar a própria narrativa como elemento significativo; discutir os vínculos entre a dominação e a produção específica de certos textos; pensar o real como invenção da história, e não como seu a priori; fazer do presente a ontologia do pensável; desnaturalizar o geográfico; inserir-se no movimento do próprio pensar: seriam infinitas as contribuições de Said ao pensamento social, ou os caminhos trilhados por ele de forma surpreendente, mesmo quando já experimentados por outros autores.

Além disso, merece ser destacado o seu compromisso ético e político para com a luta em prol de um mundo mais justo e menos desigual - um compromisso que não se baseia em crenças totalitárias, no silenciamento do outro, mas, sim, que se faz a partir de uma crença profunda no direito ao heterogéneo, no direito à vida. É difícil pensar em um interlocutor tão oportuno para a história e para os historiadores, nos dias que vivemos, em que o império parece não ter fim, e em que a violência e a intolerância parecem ter se naturalizado.

Em suma, a herança de Said tem sido factor de análise por alguns intelectuais cuja convicção apela para o que é humano, ou seja, também se revêem num espírito que indaga e contesta determinadas atitudes que desvalorizam o ser humano. Deste modo, ao recorrerem ao pensamento de Said, reavivam a sua luta, disseminando também um importante pensador cujas obras são de real importância académica e não só.

---

<sup>120</sup> Professor Assistente na área de Teoria e Metodologia da História da Unidade Académica de História e Geografia da Universidade Federal de Campina Grande. Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba, doutorando em História pela Universidade Federal de Pernambuco.

## Capítulo V – Conclusões

### 5.1- Principais Conclusões do Trabalho

Os trabalhos de Edward W. Said constituem um legado coeso e pertinente sobre a verdadeira dinâmica do conflito israelo-palestiniano. O seu pensamento assenta, essencialmente, neste conflito e oferece estruturas argumentativas suficientemente válidas para esclarecer rupturas claramente visíveis que deturpam, em grande medida, a história de uma civilização. O fruto dessa ruptura constitui aquilo a que se chama de desrespeito ou violação dos direitos humanos.

As constantes humilhações com que os palestinianos se deparam traduzem o que de mais desumano a comunidade internacional pode assistir, sem negligenciar, claro, outros lugares do mundo onde o desrespeito à vida humana também se faz sentir. Nesta conformidade, o papel de Said atingiu contornos extremamente importantes ao fazer soar a sua voz e libertar a consciência de muitas pessoas que estavam presas numa visão ocidental e, principalmente, alertar sobre a verdadeira causa do conflito israelo-palestiniano.

As análises de Said baseiam-se, essencialmente, no humanismo, direitos humanos e intelectualismo. Com o humanismo, ele conseguiu demonstrar que os palestinianos não são aquilo o que a maior parte do mundo pensava o que eram; derrubou preconceitos que se tinham criado contra os muçulmanos e os árabes; comprovou que todas as culturas estão interligadas e que cada povo possui um pouco do outro. Para Said, os intelectuais devem ser os protagonistas da mudança de mentalidades, buscando a verdade sobre todos os dogmas susceptíveis de indagação, a fim de esclarecer o que está oculto e que provoca discrepâncias e injustiças dentro de uma sociedade.

Deste modo, poderá haver ou renascer um espírito de solidariedade para com os mais fracos, promovendo a irmandade, respeito à vida, à dignidade humana e despromovendo a violência, miséria, fome, assassinatos, exílio. Em suma, todos esses aspectos convergem para a essência dos direitos humanos, que, no fundo, são os alicerces para concretização e manutenção da paz no mundo.

E o estabelecimento da paz na Palestina, deverá passar por isso.

## **5.2- Limitações do Estudo**

Apesar de ser um personagem que revela possuir grandes conhecimentos científicos e as suas obras espelharem assuntos de grande interesse, Edward W. Said ainda é um intelectual desconhecido em muitas partes do mundo. Por exemplo, em Angola, depois de uma inquirição a vários intelectuais sobre o que sabiam em relação ao papel de Said na luta para o reconhecimento da Palestina, ninguém soube responder, porque nunca tinham ouvido ou lido nada sobre ele. Said possui inúmeros livros publicados, contudo foi difícil o acesso a eles.

Por outro lado, embora existam algumas abordagens paralelas aos trabalhos de Said, ainda não são suficientes para suportar estudos mais profundos e ricos em argumentos sólidos sobre o mesmo. Dessa forma, esta dissertação poderia sustentar melhores argumentos e mais enriquecidos, caso houvesse maior facilidade na aquisição do material bibliográfico.

## **5.3- Investigação Futura**

Depois da elaboração dessa dissertação, ficou o desafio de dar continuidade à investigação sobre Said. Pesquisas mais direccionadas também poderão ser realizadas com o objectivo de colmatar as eventuais falhas e/ou lacunas dessa dissertação.

Por ser um tema inesgotável, visto que o conflito israelo-palestiniano perdura há mais de meio século e tem tomado proporções alarmantes, mesmo depois da morte de Edward W. Said, torna-se imprescindível aprofundar a essência desse conflito estudando formas de enaltecer todo o trabalho que Said vinha desenrolando em prol da causa palestiniana. Para tal, convém recolher todos os acervos que Said produziu para os poder enquadrar na actual realidade histórica vivida por ambas partes.

Sendo assim, até que o conflito termine, as investigações não podem cessar e a presente dissertação poderá ser considerada um trabalho aberto em função dos novos acontecimentos a serem desenrolados na dança entre a Palestina e Israel.

# Bibliografia

## 1 . Obras do Autor

SAID, E. (2003): *Cultura e Política*. Brasil: Boitempo Editorial.

SAID, E. (2004): *Humanismo e Crítica Democrática*. Brasil: Companhia das Letras.

SAID, E. (2004): *Orientalismo*. Lisboa: Cotovia.

SAID, E. (2005): *Representações do Intelectual: as Conferências de Reith, de 1993*. Brasil: Companhia das Letras.

SAID, E. (2004): *Cultura e Resistência*. Porto: Campo das Letras.

SAID, E. (2003): *Reflexões Sobre o Exílio e Outros Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras.

## 2. Bibliografia Complementar

BOUDON, R. (2005): *Os Intelectuais e o Liberalismo*. Lisboa: Gradiva – Publicações Lda.

CABRAL, E. (2010): *Roteiro da Literatura Contemporânea em Língua Portuguesa*. Évora: Universidade de Évora.

COUTO, M. (1996): *Terra Sonâmbula*. Maputo: Ndjira.

GALTUNG, J. (1994): *Direitos Humanos, Uma Nova Perspectiva*. Lisboa: Instituto Piaget.

LÉVINAS, E. (2009): *Humanismo do Outro Homem*. Rio de Janeiro: Vozes Ltda.

LUÑO, A. (2010): *Derechos Humanos, Estado de Derecho y Constitución*. Madrid.

MANNHEIM, K. (s/d): *Sociologia do Conhecimento*. Porto: Rés.

ORTIZ, M. (2004): *Justiça Social: uma questão de direito*. Rio de Janeiro: DP&A

PEPETELA, (2008): *Os Predadores*. Rio de Janeiro: Língua Geral.

PIOVESAN, F. (2006): *Caderno de Direito Constitucional*. Rio de Janeiro.

REIS, H. (2005): *Relações Económicas Internacionais e Direitos Humanos*. São Paulo: Quartier Latin.

### 2.1. Bibliografia Electrónica

*Acordos de Paz Entre Palestinos e Israelenses*. Disponível em: <<http://www.sempretops.com/estudo/acordos-de-paz-entre-palestinos-e-israelenses>>. Acesso em 20 Abril 2012.

ALTMAN, M. (2012): *Hoje na História: primeira audiência de nazista após Nuremberg*. Disponível em: <<http://www.operamundi.uol.com.br>>. Acesso em 20 Abril 2012.

*As Origens do Conflito Entre Israel e a Palestina*. Disponível em: <<http://www.palestinausurpada.blogspot.com>>. Acesso 20 Outubro 2009.

Comissão Justiça e Paz CNIR/FNIRF (2002): *A Palestina*. Portugal. Disponível em: <<http://www.alfredo-braga.pro.br/discussões/palestina.html>>. Acesso em 20 Outubro 2009.

*Cronologia do Conflito entre Israel e Palestina*. Disponível em: <<http://www.israelensesepalestinos.blogspot.com>>. Acesso em 20 Abril 2012.

*Direitos Humanos Fundamentais e Constitucionalismo*. Disponível em: <<http://www.apostilas.adv.br>, p.2>. Acesso em 20 Abril 2012.

*Em Ato Sobre Holocausto, Dilma Defende Estado Palestino*. Disponível em: <http://www.opovo.com.br>. Acesso em 20 Abril 2012.

FONTES, Y. (2012): *Palestina: a demografia e o terror*. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br>>. Acesso em 20 Abril 2012.

*Israel Rejeita Apelação de Prisioneira Palestina em Greve de Fome*. Disponível em: <<http://www.noticias.uol.com.br>>. Acesso em 20 de Abril 2012.

LEITE, R. (2011): *UNESCO Confirma Adesão da Palestina*. Disponível em: <<http://www.expresso.sapo.pt>>. Acesso em 20 Abril 2012.

LIMA, M.: *O Humanismo Democrático de Edward W. Said*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n73a04.pdf>>. Acesso 20 Agosto 2010.

NËNIO, M. (2012): *ONU Investigará Assentamentos Israelenses na Palestina Invadida*. Disponível em: <<http://www.democraciapolitica.blogspot.com>>. Acesso em 20 Abril 2012.